

SEIVA

ANO I

SETEMBRO, 1939

NUMERO 5

JOÃO DA COSTA FALCÃO
VIRGILDAL SENA

EDUARDO GUIMARÃES
EMO DUARTE

DIRIGEM

ABELARDO ROMERO

AFRANIO MELO

ALBERTO B. DE MELO

AMERICO ALBUQUERQUE

ANTONIO B. DIAS

ARCHIMEDES M. NETTO

CELSO TEIXEIRA

CLOVIS AMORIM

EDGARD CAVALHEIRO

ELIEZER BURLÁ

FERNANDO GÓES

HENRI DECUGIS

JACQUES MARITAIN

J. DELEVSKY

JOSÉ SAMPAIO

LUIZ BASTOS

LEDO IVO

MARCOS PIMENTA

MEDEIROS LIMA

O. FRÓES DA MOTTA

PAULO PALATNIK

RODRIGUES DE MIRANDA

ROMULO ARGENTIERE

TULO H. MONTENEGRO

VERISSIMO DE MÉLO

VIÉGAS NETO

ESCREVEM

REVISTA
MENSAL

BAHIA
BRASIL

PREÇO
1\$000



AIR FRANCE

BRASIL — EUROPA em 2 dias

Aviões directos todas as semanas. Partidas aos Domingos

FECHAMENTO DE MALAS:

Na Agencia — Sabbado ás 18 horas

No Correio Geral — Ás 10 horas

TRANSPORTA CORREIO, COLIS E VALORES

AGENCIA: — RUA PORTUGAL, 27 — PHONE, 5070 — BAHIA

ARMAZEM PORTO DO BOMFIM

RUA DO PORTO DO BOMFIM, 185

TEL. 8-216

DESPENSA CENTRAL

Rua Visconde de Caravellas, 80

TEL. 8-496

O PONTO ELEGANTE

Rua Visconde de Caravellas, 6

TEL. 8-160

Completo sortimento de generos alimenticios de primeira qualidade
Miudezas, Louças e Tintas — Artigos para Pescaria

HERMANOS GONZALEZ & Cia.

BAHIA — BRASIL

Ponéve — Para limpar e dar brilho
immediato em qualquer especie de metal.

Ponéve — Para limpar prontamente
toda e qualquer especie de louça.

Ponéve — Para limpar com vanta-
gem qualquer especie de vidro e cristal.

Ponéve — Indispensavel em todas
as casas de familia, nos Bancos, nas Com-
panhias, nas Garages de automoveis, etc.

Ponéve — E' um produto nacional
extrahido das minas de KIESELGUHR, de
Recife.

Distribuidores exclusivos neste Estado e em Sergipe

SOARES & MELLO

Praça 15 de Novembro 15

Phone 6024

A LOJA Duas Americas

Iniciou a 3 do corrente
a sua

GRANDE VENDA ANNUAL

Rua Chile, 17

BAHIA

MERCEARIA LAS PALMAS

J. PEREIRA GROBA

Completo e variado sortimento de generos
alimenticios de 1.^a qualidade.

Especialidade em Vinhos finos nacionaes e estrangeiros

Conservas, Queijos, Doces, Manteigas, Fructas,
Bombons, Phosphoros, Cigarros, Charutos
de diversas marcas.

PREÇO SEM COMPETIDOR

ENTREGA-SE A DOMICILIO

Largo da Madragôa, 170

Telephone 8-366

BAHIA

SEIVA

DIRETORES:

João da Costa Falcão
Eduardo Guimarães
Virgídal Sena
Emo Duarte

REDAÇÃO: — Rua Direita da Piedade N. 40
BAHIA — BRASIL

ANO I

NUMERO 5

Meus amigos:

Nos meus vinte e seis anos de vida, já canto mais de dez de literatura. Estou, portanto, velho na terra e velho no trato das vogais e consoantes. Tenho esbanjado muita saúde e tenho perpetrado muita miséria em prosa e verso.

Lá pelas alturas de 1929, si não me trai a memória, eu surgia na Bahia e me candidatava a «genio», disposto a conquistar um nome e uma fama. Passei a ser um sujeitinho complicado, cheio de exquisites e beiseiras, sonhando glórias e querendo consagrações. Aprendi, de logo, a fumar charutos, beber cerveja e a descompôr as santíssimas religiões do mundo, combatendo Deus, dogmas, santos, princípios, o diabo, no propósito de ter alguns vícios e uma filosofia. Não se podia compreender um literato sem defeitos morais e sem uma direção intelectual. Possuindo muita vaidade e já alguma sífilis, eu me ia tornando importante, notável, vendo as minhas primeiras desgraças literárias acomodadas em letra de fôrma, a enriquecer as colaborações do «Cenáculo», papelucho que se publicava no Ginásio da Baía e se via impiedosamente perseguido pelos artigos em inglês do escritor Tosta Filho.

A prosa «made in England» desse impagável plumitivo, se outras virtudes não possuía, tinha aquela de não aumentar em nada o nacional liz oliterário.

mais felizes: começam sociólogos e políticos). Cada poeminho publicado era mais um encanto na minha vida. Sentia-me bem. O futuro seduzia o «genio» e eu animava uma consoladora certeza de vitória. Cã ao meu modo de vêr, eu ia ganhando nome, prestígio, provocando sucesso, sempre atormentado por um delírio de publicidade que é a doença dos estreantes bisonhos e ingenuos. O «furo do triunfo», chupado pelo criado Vitorino do Eça, adoçava também a minha boca. E todo meloso, e todo adocicado, babando-me de satisfação e de entusiasmo, seguia eu os meus rumos, convencido de que já era um bipede merecedor de admiração e de inveja. Quanto valor! Que magnífico talento, um Talento com T grande, não tinha a menor dúvida!

Já estava em minhas cogitações pleitear a vaga dum tamborete numa Academia qualquer. Estive mesmo a pique — acreditem — de querer substituir um defunto de nome Sílio Bocanera Junior (o reino dos céus que o tenha por lá) na Academia de Letras Manoel Vitorino, mas, felizmente, consegui escapar são e salvo desse desastre. Como veem, tenho passado nestes dois lustros as mais arriscadíssimas peripecias. Ah! dez anos de aventuras, de cruéis martírios e perigos! Isso não é graça, rapazes. Imaginem só que naquela Academia eu iria encontrar, entre os meus pares, o professor Sebastião Campos, o gramático Joaquim Gonçalves, o creólito Alberto de Assis, o lírico Lúcio San-

CARTA
aos rapazes de «Seiva»

A' moda da época, eu alinhavava poemas de «delicioso sabor modernista», valendo-me de muita extravagância e muito disparate para o ser imaginoso e original. (Por aquele tempo, a poesia era tudo; hoje, é só democracia. Comecei poeta; vocês são

tos e até o coronel Antonio Viana. O que seria de mim entre tanta gente ilustre? Vocês, meus amigos, bem me conhecem e sabem que eu, até hoje, só tenho me valido dos meus pés para caminhar...

Goste quem gostar de literatura. Eu de mim tenho as minhas queixas amargas. Detesto-a cordialmente, sinceramente. Literatura é coisa bastante desmoralizada. Não presta, não serve. Procurem da Sé à Praça do Palácio e vocês não encontram um literato que não seja um tipo de rua, com um vulgo no costado para o deboche da molecada. Andam eles, por aí, aos tombos e rumbos, entre ridículos, apupos e humilhações. Fazem pena. Francamente, devia haver, neste estado novo de coisas, uma sociedade protetora desses outros animais. São uns inúteis, uns imprestáveis. A verdade é que não se pôde mais justificar, neste tempo sacudido pela ancia de trabalho que requer luta, energia e ação, a existência dessa população de incapazes, acabados de indolência e de preguiça, metidos entre torres de márflm, atropelando-se em currículos, encontros, horas-de-arte, toda uma patifaria provinciana e bem cretina. Vocês, meus amigos, devam abandonar, o mais depressa possível, esse negocio de literatura. É a fuga do caminho errado. Mandem as favas as letras. Não se percam, por favor. Moços e fortes, por que não vão praticar o futebol, o tenis, o boxe? Pôpô, o negro dos ponta-pés, é mais conhecido do que o prosador beato Herbert Parentes Fortes e qualquer cafigeste habilitado no jogo de murros é mais famoso do que esse sociólogo Augusto Alexandre Machado. Detrem, pois, uma vez por todas, a malfadada literatura e vão cuidar melhor dos seus estudos nas Escolas de Direito e Medicina. Bachareis ou Médicos, vocês, com todos os diabos, não terminarão nunca um qualquer chicanista do fião ou um Fernando São Paulo. Terão, na certa, melhor destino.

Tomem meu conselho e creiam-me sempre

Muito dedicado.

C L O V I S A M O R I M

A DIREÇÃO NÃO SE RESPONSABILIZA PELOS ARTIGOS ASSINADOS

O VERDADEIRO CONCEITO DO MATERIALISMO

LUIZ BASTOS

1—O drama que a Humanidade vive este século se apresenta com maior nitidez a quem se detém no estudo do panorama filosófico contemporâneo. Esse drama é a luta entre o materialismo e o idealismo que nestes últimos trinta anos se tem caracterizado por uma tremenda ofensiva contra o materialismo, partindo dos mais diferentes e inesperados lugares, da Igreja aos laboratórios científicos.

Não é necessário relembrar as causas essenciais desta luta. Mesmo aqueles felizes observadores que vivem no mundo da Lua, já puderam notar que as aflições económicas e políticas do mundo se refletem com igual intensidade em todos os ramos da actividade humana, em particular na Filosofia. Na luta que se trava perante nossos olhos entre duas classes e agora ampliada pelo combate feroz entre duas civilizações, a Democracia e o Fascismo, todas as armas são utilizadas, o veneno dos gazes e o das mistificações filosóficas, as armas de fogo e as da calúnia e do charlatanismo.

2—Devemos reconhecer que, de um modo geral a ofensiva contra o materialismo, tem dado até agora, excelentes resultados. Como doutrina filosófica o materialismo tem perdido muito do seu verdadeiro conceito e infelizmente pouco tem feito para se reabilitar e não se colocou ainda nem mesmo numa simples ofensiva. Os materialistas mal ousam erguer a voz. O idealismo filosófico e as suas consequências políticas triunfam plenamente.

Mas aqueles que lutam pelo estabelecimento de uma Verdade e de uma Justiça humanas, baseadas num mutuo entendimento entre todos os homens, aqueles que querem um real progresso para a Humanidade, tirando-a do lodo em que se está afundando, não podem nem devem assistir impassíveis ao desmoronamento de conhecimentos longa e duramente adquiridos, nem á ereção de estatuas aos falsos ídolos cujo fim é conservar a mistificação das consciências e que, muitas vezes inconscientemente, contribuem para facilitar a vitória do fascismo.

3—Muitas são as maneiras pelas quaes se tem combatido o materialismo. A mais comum, e, infelizmente, aquela que tem dado os melhores resultados, porque é uma propaganda que atinge as massas pela forma em que é feita, é sem duvida a da calúnia e a da mistificação. E' somente a essa que nos vamos referir neste artigo.

Segundo essa propaganda o *idealista* é antes de tudo «um homem que tem um ideal e o materialista um homem que não tem ideal.» E' sem duvida uma calúnia ridícula, mas de tal modo se vulgarizou que em linguagem vulgar é essa a sua significação. Do ponto de vista moral, o materialismo é representado como a sintetização de todas as paixões baixas e indignas da especie humana. O materialista seria um individuo portador de todos os pecados mortaes, venias e mais alguns, não conheceria nem o amor nem a piedade, nem pensaria na salvação da alma e ao contrario pensaria tão somente nos prazeres do corpo.

Os acontecimentos de Hespanha, por exemplo, foram um constante pretexto para acusar os republicanos anti-fascistas de materialistas «sanguinarios», que «com os seus instintos brutaes desencadeados procuram esmagar a civilização».

O mais interessante porem de tudo é que ha muita «gente culta», gente de «anel no dedo» que acredita ou pelo menos faz força para acreditar piamente nisso.

Lembremos que o grande filosofo Epicuro, que era materialista, teve a sua doutrina posteriormente completamente desvirtuada a ponto de se confundir qualquer gosador com um epicurista, quando ao contrario se sabe que não só, pessoalmente, Epicuro foi um homem de vida exemplar, como a sua doutrina posteriormente completamente desvirtuada a ponto de se confundir qualquer gosador com um epicurista, quando ao contrario se sabe que não só, pessoalmente, Epicuro foi um homem de vida exemplar, como a sua «doutrina do prazer» dava importancia maxima aos «gosos do espirito». O mesmo se tem feito de maneira geral com o materialismo. Por isso, nossa intenção, ao escrever estas linhas, é procurar indicar os principaes traços filosoficos moraes e politicos que caracterizam o materialismo, com o objectivo de desmascarar essa campanha anti-materialista que tem acima de tudo visiveis interesses politicos.

Está claro que nas poucas linhas de um artigo de Revista, que para ser lido deve ser curto, não é possível mais do que um exame muito sumario da questão, e por isso mesmo tocaremos no essencial.

4—Do ponto de vista filosofico, poderíamos definir o materialismo por meio de algumas proposições, que o distinguem do idealismo:

a) — O Materialismo reconhece a existencia de «um mundo exterior», que existe por si mesmo, independente de qualquer força ou melhor, vontade «extra-natural».

b) — E' possível para a intelligencia humana chegar a um conhecimento cada vez mais exáto do mundo, á medida que a ciencia avança.

c) — Só é possível conhecer o mundo atravez da experiencia e não pela simples especulação filosofica ou pela «razão pura».

O idealista, ao contrario, considera em primeiro lugar o Homem e o Mundo, muitas vezes, como a realização do seu espirito, isto é, crê que não existe «um mundo exterior». E quando concebe a existencia do mundo exterior não crê que o homem possa chegar ao seu pleno conhecimento.

d) — O idealista crê geralmente na existencia de forças extra-naturaes de uma Intelligencia Universal, a guiar o mundo e os homens. O materialista crê apenas nas forças possiveis de conhecer e determinar em leis fisicas.

5) — Mas as diferenças entre as concepções materialista e idealista não se limitam ao terreno da filosofia. Ao contrario, se estendem pela Politica e pela Moral, como consequencias diréctas das concepções filosoficas. Faremos uma análise esquemática.

De um certo modo se poderia dizer que o materialista é *realista*, enquanto o idealista se aproxima muito mais da *fantasia*. Isto é, para o materialista, o que importa em primeiro lugar é a realidade e não a abstração. Ele compreende que antes de mais nada o Homem deve *viver* a sua vida na Terra, e procurar utilizar as suas proprias forças, ou melhor as forças associadas dos homens, e as que a Natureza põe ao seu dispôr, para realizar a sua felicidade. Ao contrario disso o idealismo faz do homem um *contemplador*, que fica á margem da Vida, vida que ele entrega a «forças e poderes sobrenaturaes». Por isso mesmo o idealista não acredita que o homem possa mudar as suas condições de vida nesta Terra, pois que ele vive, em verdade, mais nas nuvens do que neste vale de lagrimas e se preocupa mais com a vida celestial e incerteza do Alem do que com a vida terrena.

Esses que vivem corajosamente, enfrentando as suas vicissitudes, colocando em si mesmos toda possibilidade de exito, mesmo quando compreendem que o esforço de um homem isolado nada é em comparação com a obra conjunta de todo um povo, esses são os materialistas e *otimistas*. O materialista é um otimista, porque ainda lamentando a situação de angustia e aflicção em que se encontra mergulhada a humanidade, não se põe a lamentar que «o mundo se acha á beira de um abysmo» e a derramar lagrimas pela incompreensão dos homens que não se querem amar uns aos outros». Ao contrario acredita que é possível transformar o mundo para melhor e que isso se dará sem as lamentações e apezar das lamentações. Os que vivem apenas fisiologicamente, deixando que uma «Intelligencia Superior» os governe, os que colocam a esperança em forças que supõem existir e que de qualquer maneira estão fóra da sua vontade e do seu alcance, são os idealistas, os *pessimistas*.

O materialista sabe que o mundo é um processo em constante transformação do *ser* ao *não ser* e ao *vir a ser*, que é a marcha da propria natureza. Por isto mesmo se poderia dizer dos materialistas que são essencialmente *progressistas*. O idealista é ao contrario *conservador*, para quem o mundo é e sempre foi igual a si mesmo e para quem qualquer transformação é sumamente perniciososa. Tambem essa atitude mental nos faz compreender porque, sempre, em todos os tempos, os materialistas foram contra toda opressão, todo absolutismo e *liberaes*, no sentido politico actual do termo. Por isso mesmo todo materialista consequentemente é um *democrata*. Não vale a pena citar exemplos. Ninguém ignora a posição politica dos materialistas do século XVII na Inglaterra, do século XVIII na França e do século XIX (os Jovens Hegelianos) na Alemanha. Os materialistas sabem de que maneira o materialismo e em geral a ciencia e a filosofia se podem desenvolver num ambiente liberal e democratico. Que diferença entre a cultura da democratica Atenas e a da absolutista Sparta! E' a mesma que se nota entre o estado cultural da França e da Inglaterra ou Estados Unidos, de um lado e de outro a Alemanha e a Italia, onde os mais cultos são os que mais sabem bater palmas, os que gritam segundo as ordens recebidas e sobretudo não pensam.

A liberdade mental e fisica é uma necessidade para o materialista, uma necessidade vital. Liberdade quer dizer Vida e Natureza em toda a sua exuberante, espontanea e livre manifestação. O idealista é em geral *reaccionario*. Em vez de Democracia, isto é, pelo predomínio da *vontade das massas*, é *aristocrata*, isto é, pelo *predomínio das Elites*.

Entre parecidos, devemos reconhecer que o moderno *Humanismo* que na verdade é uma nova forma de idealismo, tem

A DESIGUALDADE SOCIAL

J. D E L E V S K Y

É preciso assentar que a «diferença» na natureza e a «desigualdade» na vida social não são conceitos identicos. A desigualdade social associa-se frequentemente á ideia de hierarchia na subordinação. No mundo inanimado não ha identidade, a differenciação é uma lei constante, porém não significa isto que haja relações de hierarchia entre os individuos; na natureza inanimada não ha individuos «superiores» e «inferiores». Dois grãos de areia, dois crystaes, duas gotas, duas flores não são identicos. Mas, não se pode dizer que um grão de areia seja inferior ou superior a outro grão. Esta consideração é igualmente applicavel a outros individuos da natureza inanimada, a qual ignora em geral os valores moraes.

Na ordem animal, não somente ha differença como também certas formas de hierarchia. E', porém, uma hierarchia puramente animal ou geologica situada fóra dos valores moraes. Os animaes devoram-se uns aos outros. Os mais fortes, os mais ageis, os mais «capazes» comem-se ou supprimem aos outros. Existe, pois, uma desigualdade de força, de capacidade, de intelligencia. Mas se a lei de depredação «comer ou ser comido» pode ser considerada como uma «lei natural», donde se derivam os preceitos moraes para as relações sociaes entre os homens?

E' um facto inegavel que entre os individuos humanos se constata grandes differenças, particularmente do ponto de vista da intelligencia. A moral politica e social, entretanto, não pode ser deduzida de nenhuma «lei natural» de desigualdade. O bom «utopista» Charles Fourier ensinava, por exemplo, que todo homem possui alguma capacidade especial pela qual se eleva acima dos outros homens.

Certos biologos darwinistas, como sabemos, têm deduzido crueis consequencias da «lei natural» da luta pela existencia e da selecção dos mais aptos.

Muitos sociologos moralistas se têm pronunciado contra a intromissão da biologia na moral social. Outros biologos, como por exemplo o sabio hollandez Piepers, têm refutado o darwinismo por causa das consequencias sociaes e moraes que se poderiam derivar das theorias de Darwin. No entanto, essas conclusões têm provocado igualmente serias objecções da parte de transformistas e darwinistas eminentes. O celebre Huxley affirmava que a ethica exige que ao processo cosmico da selecção natural se opponha a selecção da intelligencia e que á destruição dos debéis e inoffensivos se opponha a sympathia e a cooperação humana. Em um discursso pronunciado recentemente na Sociedade Americana pelo Avanço das Sciencias, o celebre biologo Coclin (premio Nobel de Biologia) faz resaltar que nós outros melhoramos sempre a natureza com os nossos propositos; a ideia segundo a qual a natureza seria perfeita é falsa e a «volta á natureza» é, ás vezes, um appello ao regresso e não ao progresso. «A razão, disse Coclin, pode melhorar o processo cego da natureza, porque a razão não é cega ainda que constitua uma parte da natureza; e esta razão converteu-se em um factor importante da evolução».

Si é exacto que existem differenças entre os individuos que constituem a sociedade humana, não se deve ver nesse facto mais que uma base para a divisão do trabalho conforme ao fim colectivo e para o estabelecimento de formas perfectiveis de solidariedade. E' certo que difficuldades de ordem technica podem complicar a solução do problema que consiste em obter de vontades dispersas a realização de um ideal que suppõe uma comprehensão commum entre os individuos. Estas difficuldades, porém, não nos auctorizam a oppôr ao ideal de solidariedade, uma formula de hierarchia fundada no principio da desigualdade.

OITENTA E UM POR CENTO DE ANALPHABETOS

(Transcrição de «Tesis», orgão do Sindicato de trabalhadores do ensino da Republica Mexicana.)

As estatisticas do anno de 1934 accusam no Estado de São Paulo, um dos Estados mais avançados da Federação Brasileira, que nas cidades cerca de 1/3 dos meninos comprehendidos na idade escolar, não sabem ler, nem escrever. No interior do Estado, o numero de jovens analphabetos cifra-se em 81 por cento. E' muito difficil suppôr que as condições de ensino tenham melhorado muito no transcurso destes ultimos quatro annos, si se tem presente que o augmento da população sobrepassa grandemente á creação de novas escolas. A ausencia de escolas é um aspecto do problema, o outro é a falta de mestres. E' ainda humanamente comprehensivel que a gente jovem prefira que se lhe inscreva nas escolas urbanas, a ter que levar uma vida isolada e desprovida de todo conforto no interior do paiz.

Com relação a isto o «Correio do Poco» publica os dados seguintes, referentes á situação do ensino no Estado do Rio Grande do Sul. No anno de 1937 existiam 4.840 escolas, das quaes 12 estavam a cargo do Governo Federal, 991 do Governo do Estado, enquanto que 2.974 eram mantidas pelas cidades e 864 por particulares. A media de frequencia escolar era de 42 por cento, isto é, mais da metade dos meninos comprehendidos na idade escolar cresciam sem ensino. Os 42 por cento

obtem-se, baseiando-se sobre o numero de crianças que deveriam ir á escola. Na realidade, é muito menos elevado, porquanto 70.000 alumnos inscriptos nas listas não assistem á escola.

60 % de meninos brasileiros sem Escolas Primarias

O problema da escola primaria apresenta-se no Brasil em forma alarmante. Carecem-se de estatisticas exactas. O censo da população no anno de 1940 trará a este problema alguma claridade. Contudo, existem motivos para suppôr que na actualidade 60 % dos meninos comprehendidos na idade escolar (entre 7 e 13 annos) encontram-se sem escolas. Ha razões para crer que esta percentagem é ainda inferior á realidade, si se tem em vista que no Estado de São Paulo, um dos mais ou o mais desenvolvido, 2/3 dos meninos se acham privados de toda especie de ensino. Sobre uma população total no Brasil de 42 milhões, deve haver provavelmente 6 milhões de crianças em idade escolar. Isto significaria que 3.600.000 meninos carecem de escola, o que implica a creação de 90.000 novas classes e a preparação de 15 a 20 mil novos mestres. Ao lado destas cifras, as medidas tomadas pelo Governo são como uma gota de agua sobre um ferro em brasa.

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA CENSURA

CASTRO ALVES - O MAIOR POETA DO BRASIL

Amadeu Amaral inicia um estudo sobre Gonçalves Dias com estas palavras: «Qual é o maior poeta do Brasil?» Depois de mostrar a precariedade dessas classificações, a nenhuma razão para um «maior» ou «menor», uma vez que todos os grandes poetas são «maiores», embora nenhum deles «tanja todas as cordas do imensurável instrumento da nossa alma» concluiu por afirmar que, se como juiz não se abalançaria a decidir no pleito, já não lhe seria «tão embaraçoso defender a causa de Gonçalves Dias, como advogado». Enumera então algumas das qualidades do grande poeta. Em primeiro lugar da brasilidade ou braileirismo dos seus versos. «O primeiro que surgiu com fisionomia bem nova, bem forte e bem brasileira». Acrescenta depois algumas palavras sobre as «suas habilidades de metrificador, a sua maestria de composição e o seu domínio sobre o idioma». Concorde que todas essas qualidades seriam poucas, se o poeta não tivesse produzido realmente coisas belas, de forte e perdurável beleza. Cita Y—Juca Pirama e fala do romantismo que nunca se «caracterizou por um agudo entendimento das almas», antes resolvendo tudo por meio de generalizações imaginosas. Esse estado de consciência, se fatal para as faculdades críticas, dava-lhe, contudo, «uma poderosa exaltação de sentimento, uma exacerbada febre de imaginação, um grande ímpeto de todo o seu ser, que punha nas suas produções, muitas vezes, uma dolorosa e fremente condensação da humanidade». «Mais algumas referências sobre o êxito alcançado por Gonçalves Dias entre os seus contemporâneos, que foi, na verdade, enorme, tendo mesmo provocado um «pronunciamento» geral de opinião em torno do seu primeiro livro, e eis resumida, embora epidermicamente, a defesa que confere a Gonçalves Dias o título de maior poeta do Brasil. Faltaria, é certo, a frase final, onde o saudoso poeta de NEVOAS, já esquecido de que não estava defendendo como advogado o cantor de TYMBIRAS, afirma: «Sim, sim, és o maior poeta do Brasil!»

Essas linhas todas vieram a propósito da publicação recentíssima, pela Editora Nacional, das OBRAS COMPLETAS DE CASTRO ALVES, na edição crítica, organizada e anotada por Afranio Peixoto, cuja primeira edição, aparecida por ocasião do cinquentenário do falecimento do poeta, se achava, há muito, esgotada. Ainda hoje se discute se é ou não Castro Alves o maior poeta do Brasil. Preocupação talvez estéril ou inoportuna, mas como o próprio Amadeu Amaral reconheceu ao escrever sobre Gonçalves Dias, preocupação de todos os tempos, sem jeito de encontrar um ponto final, sem possibilidades de um abafamento integral. Ultimamente o grupo que defende ou reivindica para Castro Alves o título, tem-se engrossado de forma extraordinária. E' cartaz permanente, e uma casa que traz o seu nome, se encarrega de comemorar todas as efemerides que lhe dizem respeito.

O mais interessante, nessa contenda toda, são os motivos ou causas, porque se considera ou não se considera, este ou aquele, o maior de todos. Não foi inutilmente que comentei as páginas de Amadeu Amaral. A razão de maior peso encontrada pelo autor das NEVOAS, foi a «poderosa exaltação de sentimento, a exacerbada febre de imaginação, o grande ímpeto de todo um ser, que punha nas suas produções, muitas vezes, uma dolorosa e fremente condensação da humanidade». Isso e mais o facto de ter Gonçalves Dias provocado um «pronunciamento de opinião», constituiu, na autorizada opinião de Amadeu Amaral, razões das mais acatáveis ao se discutir o título em jogo. Ora, essas qualidades todas, nós podemos encontrar também, fortemente accentuadas, em Castro Alves. O que não faltou, em momento algum, ao cantor de NAVIO NEGREIRO, foi justamente essa «poderosa exaltação de sentimento». A exacerbada febre de imaginação, lhe é, também, característica essencial e, acrescentemos, talvez um pouco prejudicial. Ímpeto em todo o seu ser em se falando de Castro Alves chega a ser anacronismo. Em qualquer dos seus cantos em pródos captivos, que tanto defendeu, transborda essa «dolorosa e fremente condensação de humanidade», accentuada pelo autor de O ELOGIO DA MEDIOCRIDADE. Sobre a sua popularidade entre seus contemporâneos, qualquer comentário torna-se superfluo...

Como é fácil verificar, dir-se-ia ter Amadeu Amaral defendido Castro Alves e não Gonçalves Dias. Salvo o domínio sobre o idioma (e a prioridade do brasileiro) que, ou por temperamento ou pela idade, o primeiro não pôde, evidentemente competir com quem escrevem as SEXTILHAS DE FREI ANTÃO. Mas essa liberdade, melhor diria, libertação da linguagem, esses pronomes brasileira colocados, valem muito mais, para nós, do que a perfeição gramatical das SEXTILHAS.

Sem o mínimo intuito de demolir um para elevar outro (pretensão das mais tolas, aliás) a verdade é que, uns palpites de vez em quando nunca fizeram mal a ninguém, muito menos, quando se trata de fixar um ponto de vista pessoalíssimo. O que desejo accentuar, sem mais preambulos, é o facto de que

todas as discussões mantidas sobre o assunto, acabam numa unica conclusão: os moços, isto é, os que não atingiram ainda trinta anos, são por Castro Alves, conferem-lhe o título de maior entre os maiores. Já os mais maduros, dos trinta para cima, acham que a discussão deve girar em Gonçalves Dias, Raimundo Corrêa, Vicente de Carvalho ou Bilac. Um senhor, por signal que muito culto e sensato, costuma me dizer: «Olhe rapaz, podes continuar queimando teus cartuchos em pród de Castro Alves. Não ha outro jeito mesmo. Mas daqui a alguns anos, quando o «cabo das tormentas» se aproximar, releia o Raimundo ou Gonçalves Dias e verás se modifica ou não o teu juizo»...

E' possível que sim. Não é a primeira vez que me dizem isso. O que não compreendo, porém, é um rapaz de vinte e poucos anos, trocando Castro Alves por qualquer outro, seja Raimundo ou Bilac, Gonçalves Dias ou Vicente de Carvalho. Onde encontrar este arroubo, esta audácia, este palpitante estuante de vida, esta nobreza de sentimentos? Qual o poeta que nos oferece o espectáculo deste elevar-se continuo, ao infinito, onde nem as aguias chegam? Charles du Bos faz da «exaltação inicial», a constante da arte poetica. Com relação a Castro Alves não se pode falar em exaltação inicial, pois elle é uma exaltação continua, permanente, sempre em ascensão. Seu verbo é inflamado, vibrante, rijo, viril, transpirando essa masculinidade que o torna grande, forte, potente, apocalypico mesmo. Esse tom epico de certos poemas, essa grandiosa elevação dos seus sentimentos, devem, por força, falar ás almas jovens, ás almas não corrompidas pelo ceticismo, pela descrença. Está, com certeza, nessa vibração exaltada contra os opressores, uma garantia segura da perdurabilidade, dos seus versos, pois nem os oprimidos desapareceram nem desaparecerão tão cedo da terra. Esta audácia, este arroubo do poeta contra os mais potentes reis da terra, contra todos os elementos, contra o proprio Deus, se a um frio analista parecerá audácia de quem não media consequências ou não podia soffrer seus impulsos, aos que lêem, contudo, com o sentimento, parecerá simplesmente divino. E poesia requer para ser lida e compreendida, antes de mais nada, sentimento.

Gostaria de transportar para estas linhas algumas expressões típicas, que servissem para dar uma idéa da potencia, de titanismo deste poeta. Ingenuidade da minha parte, bem sei, pois quem, entre nós, não leu uma vez pelo menos, AS ESPUMAS FLUTUANTES, A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO, etc? Agripino Grieco já accentuou que se em «Antonio Nobre o vento mia, em Castro Alves, poeta mais viril, a ventania ladra». Tudo, aliás, em Castro Alves é levado ao extremo, ao exagero hyperbólico das imagens, que alguns acham chato, mas que sempre achei e continuo a achar simplesmente sublime. «Seu tumulto é o peito do vasto universo, do espaço — por cupola — as conchas azues...» (Pedro Ivo). Ou então, na ODE AO DOUS DE JULHO: «Por palmas — o troar da artilharia, etc. E' só o trabalho de copiar: «A frente dos Andes reclinada serena — e o Atlantico humilde se estende a seus pés». Trocando frases com os trovões no espaço — raícos com os astros nos sombrios céus...» «Com os pés na terra e a fronte no infinito». «E do peito arranquei um pavoroso grito, — que foi bater em cheio ás portas do infinito». «A dextra ameaçando a immensidade». «Fez dos Andes — travessero, — do firmamento — lençol! — Multiplicaria em centenas os exemplos, como centenas de expressões onde vocabulos como rugindo, tufão, aguias, amplidão, infinito, incomensuravel, pincaros, ruje, cyclone e tantos outros equivalentes, poderiam ser apontados. São pequenos detalhes, sem duvida, detalhes de um todo onde jámais falta o calor humano, o brado desesperado pelo afflito, a imprecação violenta e desabuzada contra toda especie de despotismo.

Está claro que Castro Alves não é somente isso que tão mal accentuei, pois não falar no lirico admiravel de BOA NOITE e tantas outras obras primas da nossa sensibilidade, é amputar o naquilo que talvez continha a mais forte razão da sua eternidade. Este simples angulo da sua poetica justificaria o titulo destas linhas, se o proprio poeta não proferisse a outra frase, a daquela que julga ser a da verdadeira poesia, aquela que na «terra dos Andradas, dos Pedros Ivo e dos Tiradentes deve ser magestosa como as mattas virgens da America, arrojada, como seus rios varzeas e que zurzem os costados pedregosos dos seus gigantes de granito.» poesia essa que «deve ser o reflexo da terra», e tampadores dos direitos do povo».

Mas lirico ou epico, «convulsão da natureza» como disse Agripino Grieco, ou o «mais belo momento do Brasil», na frase de Gilberto Amado, é Castro Alves, sem duvida, o poeta que mais fala ás almas moças. O milagre da sua existencia e do seu genio, ainda hoje impõe a todos que estudaram a sua obra estas perguntas: «Onde, em que epoca ou lugar, alguém com essa idade, subiu tão alto?»

E D G A R D C A V A L H E I R O

A' PROCURA DA FELICIDADE

Sentado num daquelles compridos bancos da Faculdade de Direito, afastou-me do agradável vazio em que me encontrava, a pergunta:

— Onde está então a felicidade?

Virei-me. Dois moços davam-se ao despropósito de discutir, nesta epoca de canceiras philosophicas, o problema da felicidade. Ora, isto já não é mais assumpto para contendas nem debates. Elle foi teoricamente resolvido e parcialmente executado; falta ampliar-o. Requer acção, movimento, conquista.

Mas, em todo caso, prestei-lhes attenção. Elles amavam ardentemente a questão e isso inspirou-me sympathia. Um, mais ingenuo, talvez consequencia de uma educação piegas, ausentava-se da terra e da vida para obtel-a. O outro, mais realista, com um mais desenvolvido senso pratico, integrado nos avanços da sciencia nestes ultimos annos, queria—ou melhor, reclamava — uma felicidade terrena.

Depois de divagarem com algumas perguntas e respostas superficiaes procuraram falar com mais sinceridade e ardor. Ficaram até impulsivos. E nesta altura os meus ouvidos são maltratados com uma irreverente negativa:

— Não existe uma felicidade celeste. Esta é absurda e imbecil. Como podes saber que ella está no céu si tu não sabes, pelo menos, si elle é verdadeiro?

O outro atrapalhado:

— Tu duvidas da sua existencia, mas eu a creio firmemente.

— Mas porque asseguras esta existencia?

— Porque a minha fé é inabalavel.

— Ah! a tua fé. Esta inimiga da verdade e da sciencia. Bem, eu te deixo todo fervoroso acreditando no céu, para não perdermos tempo com credices, e vou mostrar-te quão nescia é esta felicidade que procuras no incognoscivel. Ora, os homens têm um fim determinado na sociedade, qual seja o de tornal-a cada vez melhor, mais perfeita, pelo desenvolvimento da comprehensão dada pela experiencia de que a solidariedade social, resultante do phenomeno economico, é o mais forte vinculo para assegurar aquelle meio «necessario» á vida collectiva. Pois bem, espere-mos esta hypothetica felicidade e cruzemos os braços, rezando para salvar a alma das más acções e pensamentos, na doce illusão de uma emphatica e padresca immortalidade da alma.

— Ora essa! como provas esse determinismo? Nada. Isso tudo é creacção do «sordido e immoral materialismo». Ao nascermos já o superior marcou-nos o nosso destino e delle não nos afastamos. Outras forças não actuam sobre os homens além das de Deus.

— Sim. Mas esse Deus é muito injusto e vingativo. Por que tanta miseria elle semeia na terra? Por que elle que é absoluto, onnisciente e como tal os seus actos são eternos e invariaveis, consente em que a sociedade evolua e se modifique? Por que o mundo de hoje, não obstante as ameaças de uma terrivel guerra, é muito mais humano e civilizado que o de 200 annos atraz? Por que a moral que hontem era admirada e seguida, repugna hoje a nossa consciencia de civilizados? Por que, emfim, hoje si o descrê e nega, como eu agora o faço?

— E' porque elle na sua eterna sabedoria sabe o que faz. Si não existisse o mal não se comprehenderia o bem. Sem as trevas não apreciariamos a luz. Sem a dôr não poderíamos conceber a felicidade.

— Mas isso é razão sufficiente para 90 % da humanidade soffrer? Não. Enganas-te catholicamente. O mal, a dôr, o sofrimento são consequencias do instincto animalesco que o homem ainda conserva dos seus ancestraes e da lucta pela vida que a má organização social nos impõe; e que sendo brutal primitivamente leva-nos a crêr numa relativa perfeição num futuro ainda longinquo. Foi a determinação dos factos economicos e biologicos que plasmod todas as sociedades até este momento e será ella que as conduzirá á conquista de uma felicidade para todos.

— Não. Não concordo. Eu fui educado assim. Essa é a nossa tradição. Foi essa a lição dos nossos avós. Todas estas innovações nada mais possuem que a sedução passageira da novidade.

— Raciocinas como aquelle personagem de Ibanez, Estevam, servo da igreja, quando dizia a seu irmão, o sonhador Gabriel: «Que te importa a ti que o mundo esteja no melhor ou peor? Assim o encontramos e assim será sempre. O que importa é viver christamente com a certeza de que a outra vida será melhor, visto que é obra de Deus e não dos homens».

Este indifferentismo e essa resignação foram a causa de muitos males. «Pensando no céu os homens acostumaram-se ás miserias da terra». Foi aquelle apêgo a tradição, resultando no mais absurdo misonheismo, que determinou a lentidão do desenvolvimento scientifico e o sacrificio de homens que muitas luzes iriam reflectir sobre a humanidade.

Não. Tu que és jovem reage contra estas velharias prejudiciaes e atrophiantes e segue o proprio exemplo do christianismo, que foi uma das mais bellas e ousadas das revoluções sociaes, pregando o amor e a igualdade de todos os homens. Falhou na tentativa de conseguir naquella epoca a felicidade na terra, fazendo-os crêr numa vida melhor extra-terrena. Mas hoje que recebemos esta lição ha quasi 2 mil annos e que a sciencia consegue fazer o que antes se julgava milagre, os homens não devem procurar uma vida melhor nos paramos do desconhecido (para ti) ou do inexistente (para mim), dominados por essa esperança que os torna conformados, vendo o fim da vida, não onde elles vivem, na terra, mas onde pensam que irão viver após a morte. O que Christo pregou não podia jamais continuar intacto, vivo e real até os dias de hoje, como vivo não continuou o que antes delle pregára Budha. Delle, inspiremo-nos naquelle ideal humano, para mim, e divino, para ti, de aspirar a uma felicidade geral, dando-lhe a forma que a sociedade de hoje e do futuro nos dita e exige...

.....
Souo a importuna campainha. Era hora da aula. E aquelles dois jovens foram ouvir a lição do «mestre», que talvez não tivesse como elles aquella coragem de pensar. Depois elles se acomodariam a aquelle contagioso ambiente. Afóra um ou dois mestres os demais não passam de medrosos, indifferntes e reaccionarios «homens de bem», «homens de intelligencia», «homens de virtude».

A VIDA HEROICA DE

Mme. CURIE

MEDEIROS LIMA

Nenhuma biografia me causou tanta surpresa e admiração, como essa de Mme. Curie. Tudo que sabia dessa criatura perdia-se diante da grandiosidade do seu gênio, dos seus trabalhos científicos. E para muitos, nunca passou da descobridora do Radium e da esposa do grande físico que foi Pierre Curie. No entanto, que mundo assombroso e estranho nos revela essa biografia. Que surpreendente mulher, que esposa e que mãe admirável foi essa criatura. No início, é a vida de pobreza na Polónia escravizada, onde o seu esforço, o seu heroísmo, a sua tenacidade se revelam diante das suas atitudes mais simples. Concluída a primeira parte do seu curso, impossibilidade de regressar na Universidade, pois o Tzarismo impedia que as mulheres tivessem acesso ás escolas superiores, Marie Sklodowisha sonha com a Sorbonne. Paris é o centro intelectual do mundo. Lá estão os grandes professores; para lá se dirigem os estudantes de toda parte, desejosos de adquirirem novos conhecimentos. Lá é a pátria da Liberdade. Mas como conseguir isso, como se entregar a essa aventura, se lhe faltam recursos? Então vemos Marie Sklodowisha, garota, com 16 anos, empregar-se como governante, para que a irmã mais velha possa continuar o seu curso na Sorbonne. Não sendo possível ela se dar a esse luxo, sacrifica-se em proveito da irmã. Essa atitude, no início da vida, define o que será a grande cientista de amanhã, eternamente presa aos seus trabalhos, despidida de qualquer vaidade. Passa por toda a série de humilhações, como governante em casa de alguns nobres, onde aprende a desprezar o luxo, a vida mundana, a trivial futilidade do mundo burguês. E nesse período, os instantes de prazeres, de contentamento, que chega a possuir, são sempre encobertos por uma sombra de sofrimento e tristeza, que vêm das dificuldades que encontra, do sacrifício do seu povo, do terrorismo dos Tzares. Deseja estudar, e como não tem nada de definido lê de tudo: física, química, história, sociologia. A política também a inquieta, e ela sonha com a libertação de seu país. As perseguições que presencía, a opressão que asfixia a liberdade de pensamento da jovem Polónia, têm, para o resto da vida, uma influencia decisiva em seu carater. Ha de amar, sempre, a liberdade, porque o terror, a força, ensinaram-lhe a desprezar as tiranias, e mostrou-lhe quanto elas são estereis e inimigas da cultura e da ciência. Na verdade, sem o ambiente de livre discussão do século XIX, não teria sido possível o impulso admirável que a ciência alcançou nos nossos dias. Marie Sklodowisha, a Mãe chamada, a caçula do velho professor Sklodowski, desde cedo aspira ser útil. Ela pretende fazer alguma coisa em favor da coletividade. Não é uma egoísta. Mais tarde, dará as maiores provas do seu desprendimento, virando as costas á fortuna, para continuar presa ao seu laboratório. Como na aldeia onde vive não lhe é dado fazer grandes coisas, contenta-se em lecionar aos filhos dos camponeses, o que lhe dá grande alegria e consolação, como diz em carta á Henriette, sua irmã. Mas isto não a satisfaz, e ela sofre em não poder trabalhar com mais afinco para o povo. Em Marie, esse sentimento é profundamente sincero. Escrevendo a 24 de Janeiro

de 1888 a Bronia, ela dirá: «o romance de Orzeskowa, nas margens de Niemen, reviveu-se por dentro. Esse livro perturba-me, não sei mais o que ser. Todos os nossos sonhos estão lá, todos aqueles debates que nos deixam com o rosto em fogo. Chorei como se tivesse 3 anos. Por que, por que, esses sonhos se evaporaram? Eu tinha a ambição de trabalhar para o povo, com o povo, e até agora o mais que consegui foi ensinar a uma dúzia de crianças da aldeia. Quanto a despertar neles o sentimento de personalidade, do papel que têm na sociedade, nisso nem se fala. Ah, meu Deus, como tudo é duro... Sinto-me tão mesquinha, tão vulgar...»

Alguns anos mais tarde ha de se sentir feliz, contemplando o resultado dos seus esforços, e vendo que não fugiu a sua missão de ser útil á humanidade.

Bronia, a sua irmã mais velha, prossegue os seus estudos de medicina na Sorbonne, e quando a sua situação parece melhorar, apressa-se em chamar Marie. Nessa época, ela já se encontra de volta da aldeia, onde passou 3 longos anos como governante, e vive em Varsovia, ao lado do seu velho pae, professor aposentado. No início vacila em aceitar o convite da irmã; uma serie de pequenas cousas a prende a aquele lar, que muito breve terá que abandonar definitivamente. Mas, quando consegue se libertar inteiramente, Pariz surge com o fim almejado, como a grande esperança. Isso, no entanto, não se fará sem sacrificio, sem o enorme sofrimento de abandonar aquele pae que fora sempre tão bom e tão amigo. Para se iludir, dirá momentos antes de partir:

— Não irei demorar-me muito... dois anos, 3 no maximo. Logo que complete os estudos, voltarei e viveremos juntos, e não nos separaremos nunca mais.

Na verdade ela não pôde presentir o que lhe aguarda; o seu futuro ainda é incerto. Finalmente, a Sorbonne. Pôde, então, iniciar o seu curso, se dedicar inteiramente aos seus estudos, ouvindo as lições dos grandes e afamados professores. E o fez com tanto afico, tanto amor, que chega a se esquecer, completamente de si. Um dia o seu cunhado, casado com Bronia, vae encontrar-a quasi desfalecida em sua residência, um quarto pobre e miseravel perto da Universidade. Deixára de tomar a alimentação para estudar. E apesar das recriações, dos cuidados da irmã e do cunhado, levará por muito tempo essa vida. Não conhece outro livro que seja o dos seus livros, da Universidade e dos Laboratórios que passa a frequentar. Prossegue, assim, inteiramente desconhecida, considerada apenas por seus colegas e professores, como a melhor aluna de física, até que, um dia, uma vida, pararela á sua, se lhe antepõe: Pierre Curie. Este, já é celebre pelas descobertas físicas que fizera, e se mantém alheio ás mulheres. Ambos se mostram avessos ás aventuras amorosas. E, no entanto, basta se conhecerem uma só vez, para nunca mais se separarem. E' depois de casada com esse homem de genio, que uma nova fase se inicia em sua vida, inquieta e perturbada pelas dificuldades financeiras. Não interrompe os seus estudos, nos quais faz enormes progressos. O amor em nada a modifica, e do modo admirável

concilia a sua função de esposa, de dona de casa e mais tarde de mãe com as suas atividades intellectuais. Não só se transforma em uma auxiliar de Pierre Curie em seus estudos de Cristalografia, como também numa ativa colaboradora. Anos depois, lutando com toda sorte de entraves, envereda para as investigações que lhe revelarão o radium. Mas, todo esse longo percurso foi aspero e difficil, amensado, apenas, pela companhia de Pierre Curie, pelos curtos instantes de repouso, pelos seus passeios de bicicleta através da floresta, dos campos alegres e amenos de França. E quando consegue isolar o radium, adquire tal renome, que o mundo inteiro possa admirar a, como uma de suas grandes benfeitoras. Torna-se ce'ebre, sem que essa celebridade a envaideça. Não consegue separar os seus meritos dos de seu marido, e nunca dirá «eu», mas sempre «nós». E quando Pierre Curie morre, vítima de um accidente, esmagado pelas patas dos cavalos, ela, apesar do choque, do abatimento que a prosta por alguns dias, adquire animo novo para prosseguir. E o Governo Francez, concede-lhe uma das maiores honras: a cadeira de Pierre Curie, na Sorbonne, para que o substitua como professora. Por duas vezes ganha o premio Nobel, sem que isto a perturbe. Dá aulas, cuida das duas filhas, e prende-se durante horas no Laboratório. Quando a guerra a surpreende, não vacila em tudo abandonar, para prestar os seus socorros auxiliando os Póstos Médicos, instalando e ensinando as enfermeiras inespicientes a lidarem com aparelhos de Raios X. Durante os 4 anos, que a guerra encheu de pavor, de morte, o sólo de França Mme. Curie não se afastará um só momento do seu pósto, por que ha muito o seu corpo desconhece a fadiga. Acima de tudo está o dever, o sacrificio que a nova Pátria lhe impõe. Depois de cessada a luta, ela conhece dias de alegria e triunfo. A Polónia adquire a sua liberdade, e aquele pianista que ela escutára em Paris, pela primeira vez, é o seu presidente: Paderewski. Nessa época, volta a Varsovia, e chega mesmo a acalentar o desejo de aí viver, o que logo se desfez, como impossivel. De toda parte vêm convites para realizar conferencias; as sociedades científicas concedem-lhe títulos honoríficos, e Mme. Curie prossegue os seus trabalhos. Os Estados Unidos a recebe, e quando de sua primeira visita a este país, os americanos lhe prestam uma das maiores e mais significativas homenagens. Nos ultimos anos, emprega o seu esforço para ver construído o Instituto do Radium, que consegue com exito admirável.

As questões políticas não lhe são de todo avessas. Bate-se pela cultura internacional, que respeite as diferentes culturas nacionais. Assume uma atitude de defeza da ciencia, que não pode ficar á mercê dos interesses de grupo, dos inimigos do progresso, dos que procuram enterrar o livre desenvolvimento social. Depois de conhecer os piores da guerra, transforma-se na mais ardorosa pacifista. E em carta de Junho de 1929, escrita á Eva, sua filha mais moça, defende a liga das Nações em quem reconhece um elemento propulsor da paz: «Creio que o trabalho internacional é ta-

(Continúa na pag. seguinte)

(Continuação do artigo anterior)

refa muito pesada, mas que temos que iniciá-la com o maior esforço e com um real espírito de sacrifício. Por mais imperfeita que seja, a obra de Gnebra merece que a sustentemos, em vista da sua grandeza».

Todo o esforço dessa creatura, nos parece um esforço gigantesco, pois teve que lutar sempre com os elementos mais absurdos, desde as dificuldades dos primeiros anos de vida, até as intrigas, as ambições e a má vontade dos homens, que se mostraram incapazes de compreender o valor e a grandiosidade de sua obra. Nunca deveu nada a ninguém, pois o que conseguia fôra atavez de seu trabalho, da persistência que a conduzia, invariavelmente, á vitória. Os resultados de sua obra, aí estão, embora a amplitude de seus benefícios estejam restringidos pelo mercantilismo que transformou o Radium numa industria, quando ela nada aceitou, e negou-se a fazer qualquer negócio, pois pensava como o seu marido, que a ciencia não devia ser motivo de comércio. E referindo-se, depois, aos cientistas, aos que se sacrificam nos laboratórios, os que tentam apreender novos elementos da natureza, para os pôr a serviço da humanidade, Mme. Curie, num congresso de homens de pensamento, em Madrid, presidido pelo escritor Paul Valery, onde se discutia o futuro da cultura, pronunciou essas palavras, que são quasi uma cœixa: «Uma sociedade bem organizada deveria assegurar-lhe os meios de desempenhar a sua missão, numa vida desembaraçada de preocupações materiaes e livremente consagrada á pesquisa».

Finalmente, a 4 de Julho de 1934, Mme. Curie falece em um sanatório, vítima de sua propria descoberta: o Radium. E' toda essa vida agitada, inquieta, cheia de sacrificio, de amor ao trabalho, á ciencia, preocupada com os problemas do seu tempo, que Eva Curie nos narra de um modo admiravel, num estilo harmonioso, nesse livro, que é a biografia de sua mãe. No final da leitura, deixamos a ultima pagina, empolgado pelo seu heroismo, amando o seu exemplo, e consolados pela esperanza de que a sua história nos estimula e faz pensar na grandiosidade do espirito tantas vezes rebaixado, ontem como hoje, pelos que desprezam a dignidade humana.

VISITEM

a

Grande liquidação
da

Loja Bahia

Casemiras, brins de linho
e artigos para homens
estão sendo vendidos a
preço de pasmarr

LOJA BAHIA

Cidade Baixa

O Poema da Mãe Preta

Mãe preta,
Nos teus olhos — dois lagos
vi duas orelhas negras a se banhar,
Entre teus labios — duas colinas
vi um riacho a fluir
jorrando luz d'um sorriso
d'um sorriso tão claro
tão puro.

No teu seio
de velludo preto
vi um bebê branco
com mãositas côr de neve
a bater.
O teu seio
de leite alvo
tão cheio
vi um ente extranho a sugar.
E ao lado
o teu negrinho abandonado
de fome a chorar,
de offensa a bradar:
Mãesinha
Meu leite
meu leite
Cadê.

Vi-te Mãe preta,
Mãe humilhada,
entre mezas opulentas
a... servir —
Vi-te
carrinhos
de nênes côr de rosa
a puxar.
Emquanto
teu filho
a quem o primeiro leite
roubaste
cresceu, soffreu
soffreu e cresceu.

E o racista
filho negro do nazista
(Mas negro que a Noite
pois a Noite o parlo)
Veio o racista
com o pincel do seu odio
o preto da tua pelle
com o branco do teu leite
a fundir...
em côr de cinza
— côr do teu pranto eterno,
infinito...

E o negrinho d'outrora
teu filho
é homem agora
maduro
p'ra cuidar
das rodas immensas
que vivem cuspidos
panos compridos
sem fim
Teu negrinho d'outrora
já serve
com certeza
p'ra carne de canhão,
p'ra a preza
do nazi-racista.

Mãe preta
Mãe offendida,
Teus annos —
por mãos brancas
maltratados,
dilacerados.
Os annos
teu craneo pratearam,
teu dorso curvaram.
O cansaço
a força dos teus braços
roubou.

(E o leite
dos seios —
dois moringues vazios —
seccou,
acabou...)

Os dias
fatigados,
como colos estirados
de cordeiros mansos,
estaes,
entre as dobras da tua pelle
a carregar...
Dias derradeiros
d'uma semana immensa
sem domingos
nem dias de festa —

Mãe preta
o vermelho do teu Sangue
mais o branco do teu Leite
é igual
a côr de rosa —
Côr do Arrebol
que vem ahí...
illuminando as vidraças
do teu filho,
de todos offendidos.

P A U L O P A L A T N I K

L E I A M

CULTURA

Mensario democratico de
São Paulo.

UMA DADIVA A' INTELIGENCIA

A POESIA CHEGOU, MEUS

IRMÃOS

FERNANDO GÓES

E está aí viva, bonita, esplêndida, nos versos claros de Oneida Alvarenga, nos ritmos de imensa, de grande simpatia humana de Rossine Camargo Guernieri, e na figura simbólica de Chico Pedro, o negro herói de «Terra», poema de Mário Donato.

Por quanto tempo a Poesia andou longe de S. Paulo? Nenhum de nós sabe, talvez. Mas o que todos nós sabemos, é que nestes últimos anos a Poesia que tem vindo até nós, a boa, a bela Poesia, tem vindo de Minas, nas meditações místicas de Emilio Moura, tem vindo do Rio, na ânsia desconhecida de Augusto Frederico Schmidt, tem vindo da Baía, nas páginas líricas da prosa de Jorge Amado.

Uma vez, um homem de S. Paulo, que é da Academia Brasileira de Letras e que faz versos, escreveu um artigo de quasi meia página de jornal, dizendo que «São Paulo não tem Poesia». Mas ninguém leu esse artigo. Artigos mentirosos como esses ninguém lê, deles ninguém toma conhecimento. O homem que é da Academia Brasileira de Letras lembrou-se dos versos que escrevia e gritou, convicto, no artigo grandalhão, que São Paulo não tinha Poesia. Aí apareceu «A menina bôba», de Oneida Alvarenga. Depois veio «Terra», de Mario Donato. E tudo isso é Poesia, meus irmãos. Poesia com P grande. Poesia de verdade. Poesia da Fato.

O livro de Mário Donato é desses livros que só não são muito elogiados por excessiva má vontade, porque francamente que aí, nesse poema de 58 páginas, existe Poesia da melhor, da mais pura, da mais alta. A tragédia de Chico Pedro, um negro bom que é forçado a intervir numa guerra, ele que «nasceu no chão: é bem filho da terra...», e que se revolta, num assômo estupendo, fugindo, mataria a dentro, até ser morto pela bala assassina de um dos seus perseguidores, é uma tragédia banal, simples — talvez simples e banal por ser humana — e que não teria nenhum significado se não fôsse esse «sentido» da liberdade, que é a maior razão de ser do poema.

Na boa prosa em que o Snr. Mário Donato nos fala antes dos seus belos versos, nos explica que o seu poema «pode parecer um libelo contra a deshumanidade da guerra, e, no entanto, verdadeir-

mente, a questão bélica não é mais do que um acidente necessário á tragédia do Chico Pedro». «A guerra é apenas uma razão aparente do poema, enquanto a liberdade é que é o seu sentido». E por duas vezes, nesse prefácio, o Snr. Mário Donato afirma que «Chico Pedro é um símbolo».

E quem não compreende que esse Chico Pedro, «soldado da batalha humilde do plantio», que «nem bem crescêra e já se espojava no chão», o chão de sua pátria, «mesmo em todo o mundo», e para quem «não fôra mistér fazer contas nas lousas dos grupos para amar homens, bichos e cousas» — é um símbolo?

Arrancado do seu casebre de pau a pique, da terra bôba que a sua enxada feria, de sol a sol, na ância de fecunda-la, e levado para uma luta estranha ás suas necessidades e á sua natureza, Chico Pedro se revolta:

*«Acordam-lhe no sangue as fúrias
(incoincientes
de algum tataravô comedor de
(valentes.*

*«Treze de Maio, ao longe, é um
(clarim de combate!
Não vai guerrear ninguém, nem
(que o governo o mate!*

*«A altivez ferroteada, aos pinotes
(no peito,
protesta: ele não é nenhum negro
(do eito!*

*Livre! Mesmo sem pão, rico de
(liberdade!
Ser livre! Nisso está toda a feli-
(cidade...»*

Nessa raiva, nessa rebeldia, está retratado o negro brasileiro, insubmisso, sempre, ás opressões que lhe foram — e são — inflingidas.

Querendo voltar á terra, á família, ao amor, Chico Pedro é, bem, o negro que sempre soube ter um gesto de revolta contra todas as espécies de gargalheiras, e que reagindo, isolada ou coletivamente, é assim como o herói desse poema, que queria ser «rico de liberdade», e que não se conforma, humano e bom, a ir:

*«deixando o lar sem pão e a terra
(sem arado».*

O amor de Chico Pedro pela terra («identificar-se á terra foi,

para a raça escravizada, um recurso excepcional, como que uma fórmula integradora de libertação» — escreve o Poeta no prefácio), a terra onde:

*«.....era um gosto entrevê-lo,
o dorso negro ao sol, suado até o
(cabêlo,
desferindo, brutal, em frenéticas
(crises,
pancadas no terreno inchado de
(raízes».*

é o amor lógico, natural, que o verdadeiro homem do campo sente pelo terreno que trabalhado pela sua enxada, arrebenta, generoso e farto, nas plantas que o sustentam. E esse interesse da raça negra pela terra, não será de todo falso, se lembrarmos que no magnífico levante dos negros em 1835, na Baía, a negra Sabina, perguntada pela negra Edum onde estava o seu amante (que se encontrava conspirando), respondeu que «ele só sairia quando fôsse hora de tomar a terra» (Nina Rodrigues — «Os Africanos no Brasil»). E' evidente que aí já havia, mais ou menos, a compreensão do explorado e do explorador. Chico Pedro, porém, é vítima de outra exploração: a exploração política, a exploração bélica. E é isso, talvez, o que lhe desperta, fundo, o amor da terra onde está integrado quasi que fisicamente, porque é dessa terra que o roubam que ele sempre viveu.

Morendo na selva, com um tiro nos rins e preso a um cipóal, Chico Pedro volta á terra de quem é filho, «ele nasceu no chão...»:

*«E a floresta pagã nesse amplexo
(o encerra,
Como se resgatando á guerra esse
(abandêsma,
recuperasse, avára, um pouco de
(si mesma!»*

Os motivos desse poema — o «sentido» da liberdade e a «compreensão» do homem da terra — transparecem claros, nos versos exuberantes do Snr. Mário Donato.

Apesar da força poética, do esplendor das imagens novas, precisas, e da música vibrante dos seus versos, seria fácil apontar nesse poeta essa ou aquela influencia. Mas isso de influencia não é nada

Nenhuma teoria tem suscitado tantos debates como a chamada «teoria da origem do homem americano». É peculiar o exemplo da polemica travada entre dois etnologos argentinos: Vignati e P. Blanco, polemica essa que girou toda em torno das descobertas sensacionais de F. Ameghino que encontrou, em escavações feitas no Monte Hermosa, um fêmur e um atlas, classificados por esse notável antropologista, como pertencentes a um *letraprothomo argentinus*, predecessor hipotético do homem na América. Os seus estudos concluíam, diante das provas apresentadas, pela origem autoctone do homem americano. As suas deduções estimularam polemicas apaixonadas de cientistas europeus e americanos. Dentre aqueles que negavam terminantemente a origem do homem americano pelas conclusões de Ameghino figuravam Stotyhwo, Branca, Friedmann, Luschan, Verneau, Morselli, e Keith.

índios, de povos que vieram do Oriente: os habitantes da lendaria Atlantida; as cartas de Cortez que narram quando os espanhóis aportaram as terras do México, foram considerados como filhos de seus ancestrais comuns. Relembra que essas migrações poderiam ter se dado pelo canal de Behring, do Oceano Atlântico ou Pacífico e ainda pelas ilhas do Sul. Essa opinião é admissível porque traduz em linhas gerais a exposição de Quatrefages, que consiste na variabilidade de tipos dentro da unidade racial. Retzius, generalizando os estudos de Quatrefages sobre as comparações craneológicas dos americanos com europeus e asiáticos, deu lugar a que Canestrini chamasse a um ramo de *mongoloide* e Lopez de Lima a outro ramo de *Aria*. Essas teorias não vingaram, mas as observações de José Verissimo, Rondon, Roquette Pinto e Oliveira Lima vieram confirmar que

A QUESTÃO DOS AMERICANOS

Urquiza e Lehmann-Nitsche aceitaram em parte a opinião de Ameghino, mas insistiam pela diferenciação do precursor do homem, pertencendo, porém,

ROMULO ARGENTIERE

ao tipo sul-americano. Lehmann-Nitsche chegou a expressar, no desagrado da polemica, essa frase que se tornou epica nos anais de antropologia: «la conservation ou la substitution du genre *Homo* n'est plus qu'une question de goût». Não obstante, as opiniões emitidas, Lehmann-Nitsche colocou-se ao lado de Ameghino, seguido por Horst Maurus, Roth, Moreno e Urquiza.

Mas, o que veio debilitar a oposição das poligenéticas teorias de Ameghino, foi o encontro de uma calota antiquíssima que serviu como veículo, nas mãos do sabio argentino, para provar a origem do povo americano. Desta vez opinaram a favor até os seus polemistas, como Stotyhwo, Schwable, Verneau, Hrdlicka, Boule, Obermaier, Rivet, Lehmann-Nitsche, Branca, Deninger, Wilser, Buschan e outros. O abade Brasseur de Bourbourg, entusiasmado, chegou a exagerar quando localizou na América o berço da civilização primitiva.

Nadaillac, porém, pareceu não compartilhar dessas opiniões francamente hipotéticas. Propendeu mais pela chamada teoria da migração, segundo a qual os habitantes da América teriam vindo de outras terras. Cita exemplos de diversos cilindros de pedras encontrados em diversas partes da América, semelhantes aos de Babilônia e aos de Persepolis. Nadaillac confirma ainda a tradição arraigada no espírito dos

de mais. Muita gente boa sofre influencia de uma porção de escrevinhadores franceses e ingleses, e os amigos, por camaradagem — e às vezes por ignorância, porque no Brasil isso de ler em lingua dos outros não é muito comum, não — ficam firmes. E depois o Sr. Mário Donato é Poeta. Com a sua forma antiga, de alexandrinos rigorosos e bem feitos, ele soube ver o negro como o negro é: bom, puro, ignorante de certas maldades e de certos ódios, e que a sociedade perverte e deshumaniza, dando-lhe, não o amparo fraternal de que ele precisa, mas, sempre, um punhal e um fuzil. E isso também é um simbolo.

Quando quasi todos exploram no «tema» negro o lado pitoresco das práticas e das creanças religiosas, este Poeta soube ver um negro que se integrou à terra, e que — como todos os da sua raça — ama a liberdade, porque só a liberdade é vida.

ha verdadeiramente diferenças de ramos. Fio Morton que abriu a luta da chamada unidade da raça americana, mas o seu ponto-de-vista foi refutado por

d'Obigny, Molina, Lawrence, Prichard, Wilson, etc.

O interessante é observar que D. Brinton se limitasse simplesmente a estudar o *man in America*, sem dar pelo menos um adeanto na questão. Como bom americano, cheio de *comme sense*, preferiu talvez fugir da metafísica da antrophologia...

A suposição de T. Dekien sobre a migração pelo estreito de Behring ou por outros lugares acessíveis é verossímil, porém, pouco provada em vista da insuficiencia do material chegado até a nossa epoca.

Apezar de todos os esforços da paleontologia, da antropologia e da arqueologia, somos forçados a confessar, como o fez Nadaillac, que a origem dos povos americanos é demasiadamente obscura para que se possa fundamentar um juizo certo e uma teoria justa.

As comparações paleo-linguísticas estudadas por Nadaillac, Dekien e uma multidão de linguistas, são provas suficientes mas não convincentes. O autor dessas linhas teve ocasião, por exemplo, de examinar diversos fragmentos de pedras milenarias extraídas de uma gruta existente no interior do E. de S. Paulo. Um amigo, unica pessoa que penetrara ali perto de 30 kms., sabendo que eu me interessava pelo assunto trouxe-me os fragmentos para que os examinasse. Constatei, logo, por um exame superficial, a influencia egipcia, pois todas as figuras representavam hieroglifos de epocas simbolico-mixta, mistura de simbolos naturais com simbolos abstratos.

Essa descoberta deixou-me desconfiado perante o argumento poligenista, quanto a origem da raça americana. Infelizmente, a escassez de maiores dados e as lacunas existentes nas pesquisas desse genero, recusou-me a que desse um passo ousado, preferindo, como Quatrefages, estudar, antes de concluir. A formação de hipoteses na antropologia é uma coisa que dá poucos resultados praticos devido a complexidade e a contradicção que pode gerar no progresso de suas pesquisas. Si hoje, por exemplo, classificamos um fragmento de fêmur como pertencente ao *Homo Neogaeus*, amanhã o nosso parecer mudará, o que confirma a acersão de Lehmann-Nitsche que é «une question de goût» científico... E exemplo dessa nossa afirmação estriba-se na biologia, isto é, ás

Olivio Montenegro e o Romance Brasileiro

Ponto fraco numa tessitura homogênea, é verdadeiramente lamentável que o livro de Olivio Montenegro — O ROMANCE BRASILEIRO, SUAS ORIGENS E TENDÊNCIAS — vá forçar, para o futuro, restrições à série dos *documentos brasileiros* que a Livraria José Olímpio edita, e que, iniciada com o cristalino trabalho de Sérgio Buarque de Holanda sobre *RAÍZES DO BRASIL*, vem sendo acrescida com ensaios do valor dos de Afonso Arinos de Melo Franco, Djacir Menezes, Gilberto Freyre, Luiz Viana Filho, Otávio Tarquínio de Souza, Alberto Rangel, Alcantara Machado e outros.

* * *

Infeliz desde a escolha do título, Olivio Montenegro não confirma, com o volume referido, a opinião que dele se faz através da leitura dos seus artigos e conferências.

Esse título, que abre vastas clareiras para a análise de um terreno enormemente amplo, si usado em função do texto que pretende acobertar, evidencia, ao mais benevolento dos comentadores, uma irresponsabilidade que pessoa alguma seria capaz de atribuir ao professor pernambucano. Chega-se mesmo a descrer da honestidade das suas afirmações em matéria de crítica literária. Mesmo Gilberto

TULO HOSTILIO MONTENEGRO

Freyre, duplamente forçado a enaltecer o trabalho do seu confrade, dado as funções que acumula de dirigente da *Coleção Documentos Brasileiros* e prefaciador da obra em questão, tantas e tamanhas restrições lhe faz, e de tal maneira age com a preocupação de salvar a própria responsabilidade e a do autor apresentado que diz que «ele de modo nenhum pretende fazer obra de história literária, muito menos ser completo ou exaustivo na sua sondagem», afirmando, linhas à frente, que o sr. Montenegro apenas fez por «escolher certos aspectos do desenvolvimento desse gênero de literatura entre nós e destacar algumas das suas expressões atuais mais significativas»; continuando, fala de fatias arbitrariamente cortadas, em crítica de livre-pensador, etc., etc. Diante de tais restrições devidas à honestidade cultural do sociólogo de CASA GRANDE & SENZALA, fica estático o leitor, sem compreender a razão de um título tão ancho para tese tão reduzida, em última instância, qual a de elogiar — elogiar e não analisar — a obra de alguns romancistas modernos. Não se justifica, também, a inclusão de tal ensaio numa série que

faz pensar em trabalhos definitivos, uma vez que, no gênero, o livro de Olivio Montenegro não pode ser colocado em plano superior aos muitos que por aí andam, sem o beneplácito da crítica decente, não raro contendo maior acervo de contribuição original, de interpretação virgem.

A dificuldade começa, para o analista do ROMANCE BRASILEIRO, no primeiro capítulo, se deixarmos de fora a questão do título. Sem preocupações didáticas, salta aos olhos, inicialmente, a falta de traçado imprescindível a uma obra desse gênero. Há carencia de uma linha fundamental, de uma tese definida. Não há um grupo de idéias estruturadas que permita localizar o ponto de vista, objetivo ou subjetivo, do autor. Pédanamente, se diria que falta uma base filosófica. O leitor tem a impressão que o ensaísta não julga em função das diretrizes do seu espírito e sim (e nesse caso o livro apenas reflete impressões pessoais estreitas) de acordo com diretrizes sentimentais, substituindo, ou melhor, subordinando, o raciocínio à amizade que vota ao sr. Lins do Rego ou outro qualquer. Não há um *sentido* claro, que alicerce as preferências ou idiosincrasias olivianas, demonstradas no correr do estudo. Objetivando, com risco de

O «REICHINHO» DE

Mais ou menos por volta de 1922, cursando eu o grupo escolar e tendo tido a felicidade de possuir um dos poucos professores que não pertenciam ao cordão do «porquemeufanismo», soube que havia cá pelo sul uma tendência a kisto por parte dos alemães. Essa impressão ficou em latência em meu espírito até quando o despertar da consciência nacional, fenômeno que aparece no Brasil depois de 1930, fez com que o «reichinho» de Santa Catharina fosse mais conhecido por mim. O aparecimento de um partido político no Brasil, vanguarda de interesses estrangeiros e particularmente alemães, fez com que eu viesse a saber o que eram os «alemães» de Santa Catarina.

Numa das minhas corridas ciganas topei com eles. E foi precisamente com o Santo Antônio das fogueiras que eu os vi. Entrei em Blumenau. Cheguei ali numa época pouco oportuna para fazer reportagens e trazer impressões. Pelos bares e casas comerciais haviam bandeiras e escritos, chamando traidores à realidade. Havia medo da nacionalização ali. E os «alemães» nascidos em nossa terra não tinham vontade alguma de dar com a língua nos dentes. Tomei inicialmente a atitude de provocador. Sabia que Blumenau tinha por origem o nome do dr. Blumenau, um dos primeiros alemães que haviam feito, ali, a marcha

para o oeste. Mas sabia também que o significado poderia ser de «vale das flores». Cheguei-me a um gajo. Perguntei qualquer coisa, assim com um ar besta de quem não quer nada, por uma série de cousas. Disse-me ele que nascera ali. Perguntei se falava alemão, a resposta eu sabia qual seria. Falava, é claro, a língua dos pais. Depois eu lhe perguntei se Blumenau queria dizer «vale das flores». A resposta foi que Blumenau vinha de dr. Blumenau. Falou-me então com orgulho desses desbravadores que eram seus ancestrais e disse-me mesmo que «ninguém poderia dizer que os alemães eram raça inferior» e uma porção de boboseiras. Perguntei-lhe por Dias Velho, o fundador de Florianópolis, por Florianópolis, pela situação dos brasileiros e ele nada me soube responder. Limitava-se a falar em superioridade da raça germânica. Disse que os filhos de alemães tinham direito de cultivar a nacionalidade de seus pais. Eu não lhe neguei esse direito. Perguntado se os tchecos também não tinham esse direito, ele se revelou um profundo conhecedor do «Mein Kampf». Limitou-se a dizer que os povos da Europa Central seriam os vassallos dos alemães. Então eu não resisti. Disse-lhe o que ele pensava de nós, uma vez que conhecia tão bem a Bíblia escrita por aquele que avermelhou de fogueiras de barbaria as praças alemãs

e reviveu o machado. Nada de resposta. Mas esse «alemão», nascido entre nós, por certo pensa que somos «mestiços e negros» alimentados à banana e que somente «haverá paz no mundo, quando todo ele estiver sob o guante germanico». Fui-me. Havia encontrado o primeiro alemão nascido no Brasil. Por mais que eu force o cérebro, para mim aquele sujeito é um alemão. E o é porque «nacionalidade é língua, cultura, meios e religião próprias». E ele como a maioria dos povoadores daquela zona são alemães em formação.

Mais tarde transformei-me em «judeu». Faltou que me escorraçassem de um bar.

Quando eu encontrei um sargento, alagoano, se não me engano, com certo conhecimento e brio de pátria, um homem enfim, entabolei conversa. Soube então que os alemães haviam distribuído por muito tempo nas escolas primárias que eles sustentavam, livrinhos de formação de caracteres infantis onde, entre outras cousas, chamavam Blumenau de «Heimdeutsche Staedschem» (cidadezinha puramente alemã). Perguntei-lhe se essas escolas existiam ainda. Soube então que, teoricamente, elas estavam terminadas, mas na prática continuavam. Mesmo porque os alemães costumavam fazer reuniões familiares diversas vezes por semana e então reuniam crianças, e assim como quem brinca de

cair no lugar-comum ou no abuso de liberdade de expressão, pode-se dizer que falta à construção de Olivio Montenegro um alicerce sólido, ou que toda ela se ressent de um itinerário traçado, equivalente, no caso, a uma carta geográfica do terreno escolhido.

* * *

Os capítulos intitulados *romance e arte*, *romantismo*, *o romance de costumes*, *o romance psicológico* e *o romance moderno*, reafirma a existência dos senões anteriormente aludidos. Discorrendo apressadamente, como quem pretende concluir dentro do mais reduzido limite de tempo a tarefa que se impoz, o autor mistura displicentemente conceitos diversos e, não é difícil, páginas adiante, numa confusão nada lisonjeira aos seus meritos de pedagogo, negar as conclusões lógicas das premissas anunciadas.

* * *

O problema das *origens* do nosso romance, lembrado no sub-título, continua sem solução para o leitor, terminada a leitura para o ensaio. Incapaz de fixar a verdadeira origem do genero literario que escolheu para motivo, deriva para as influencias, refugiando-se na comodidade da afirmativa da nossa persistencia colonial às praças intelectuais de Lisboa e Paris. Alude às influencias, mas não se preocupa em documentar a asserção, com as descobertas da sua inteligencia...

As *tendencias*, que constituem o outro sub-título, também são tratadas descuidadamente, e ninguém fica sabendo quais são elas, por intermedio de Olivio Montenegro...

* * *

Como ha sempre qualquer cousa aproveitavel em tudo, no ensaio do professor do Ginásio Pernambucano ha, por vêzes, paginas felizes. Entre elas aquelas em que caracteriza a vaidade de José de Alencar e as personalidades de Machado de Assis e Raul Pompeia. Entretanto, percebem-se pisadas em falso no estudo sobre o escritor das HISTORIAS SEM DATA, como a que já foi assinalada, por Ciro Vieira da Cunha, em jornal desta Capital; se vê, além disso que Olivio Montenegro leu mais o trabalho de Lucia Miguel Pereira que os romances do *mulato*, *grego da melhor epoca* da frase de José Verissimo. Caso analogo em relação ao memorialista de O ATENEU, cuja fonte foi Elói Pontes, biografo da *vida inquieta* do autor das CANÇÕES SEM METRO.

* * *

Incompreensivelmente, Inglês de Souza é sobreposto a Aluizio de Azevedo. Taunay e Manoel Antonio de Almeida, este um dos escritores mais nacionais que temos, prendendo a vida brasileira nas MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MILICIA, como o romancista do CORTIÇO, não mostram a acuidade critica do critico pernambucano.

* * *

Tratando do *romance moderno*, Olivio Montenegro estuda José Lins do Rego, Jorge Amado, José Americo de Almeida, Amando Fontes, Graciliano Ramos, Erico Verissimo, Raquel de Queiroz e Gastão Cruls, que lhe merecem encomios que difficilmente a posteridade aceitará totalmente, por causa daquela incapacidade conhecida do autor e referida no inicio do volume, que faz com que de «produções que alcançam vida triunfante em todo o periodo de uma geração» «nem se fale mais na geração seguinte».

* * *

As omissões são em grande numero, tanto entre os escritores antigos como entre os novos. Gilberto Freyre assinala a ausencia de Cornelio Pena, Marques Rebelo, Mario e Osvald de Andrade, Godofredo Rangel, Lucio Cardoso, João Alfonsus, José Geraldo Vieira, Plínio Salgado, Domingos Olimpio, Ciro dos Anjos e Ian de Almeida Prado, na turma contemporanea, e Lima Barreto, entre os mortos. Mas, além deles, como esquecer Julio Ribeiro, Coelho Neto (apezar dos pezares), Adolfo Caminha, Canto e Melo, Léo Vaz, Menotti del Picchia, Afranio Peixoto e outros, da velha guarda? E Eduardo Frieiro (O CABO DAS TORMENTAS), Lauro Palhano (GOROROBÁ), Barreto Filho (SOB O OLHAR MALICIOSOS DOS TROPICOS), Adelino Maga-

(Continúa na pag. 15)

SANTA CATARINA

escola, lhes ministravam lições sobre cultura alemã. E como ninguém pode proibir reuniões familiares... Acontecerá então que amanhã, depois dessa atitude cada vez mais provocadora daqueles vís traidores do Brasil, nós teremos as queixas de que existe uma «minoría» oprimida.

O problema da nacionalisação que ora se esboça naquelas zonas é muito mais complexo do que parece á primeira vista. O exercito é uma boa escola para aquela gente. Pena é que sejam somente dezoito mezes quando para eles deveriam ser, no minimo, tres anos. Afastados dos seus pontos de contacto, em unidades do Norte, a começar pela Baía e acabar no Acre, a censura em suas cartas, faria com que eles esquecessem as influencias extranhas ao Brasil.

Essa é uma face, a face immediata do problema. Entretanto temos o problema no seu aspecto nacional. Até hoje ficamos no «porquemeufanismo». Não havemos raciocinado com a nossa historia e não havemos dado consciencia nacional ao brasileiro. A imprensa meteu na cabeça de muita gente que aquela meia duzia de mulatos pacholas que nos representaram no campeonato mundial de futebol fez muita propaganda nossa. Agora fala-se em Carmen Miranda. E a grande fração alfabetizada de nossa opulação está absolutamente

certa de que são esses os nossos melhores representantes!... Situação de calamidade e vergonha! Villas Lobos que foi a Paris para «mostrar o que fez e não para aprender», que arrancou na Feira Internacional de New-York aplausos dignos de um Listz, não é lembrado. Nós ainda dormimos sobre a banguelice intelectual.

Ninguém se preocupou verdadeiramente com tres axiomas que a cretinice nacional espalhou pelas esquinas do Brasil e que foram ditos depois de prolongados estudos. Houve quem dissesse: «O Brasil é um paiz essencialmente agricola!» Nas esquinas do Brasil, fala-se isso até hoje. Belisario Pena e Artur Neiva disseram: «O Brasil é um Paiz de analfabetos!», «O Brasil é um vasto hospital!» Nas mēzas de cafés nós já ouvimos isso muitas vezes. A literatice burra do «porquemeufanismo» revoltou-se. Não deviamos falar sobre isso! Mas os demagogos acharam bonito. E essas frases ficaram desmoralizadas. Todo mundo repete e ninguém sabe: ha cidades no Brasil com mortalidade infantil (na zona sertaneja) de 95 %. Que quatro quintos de nossos impostos são pagos pelo campo que não aproveita os jardins dos recalques das cidadezinhas de interior e nem as praias luxuosas com seus casinos. A valorização do nacional, primeiro passo para que nos tornemos superiores aos alienigenas e os

fagocitemos, é a valorização do campo, através de BANCOS AGRICOLAS REGIONAIS, escolas rurais com professoras providas de ESCOLAS NORMAIS RURAIS e hospitais com medicos que entendam realmente de nossa PATOLOGIA REGIONAL. Marcamos enormes defeitos. Não adeantam bancos como os que temos que nunca popularizaram a economia e que outra cousa não têm feito senão hipotecas que equivalem ao leilão. Não nos adeanta saber escrever si não sabemos como se aduba a terra e se faz uma enxertia e não nos adeantam medicos que sabem electrocardiologia e ignoram condições de alimentação e infestação nacionais. Valorizemos o brasileiro e não teremos kistos. E a valorisação do brasileiro é a valorização do Brasil. Mas:

«E' preciso frizar: O Brasil está no interior, nas serras, onde moureja o homem abacaçado pelo sol; nos sertões, onde o sertanejo vestido de couro vagueja; nas cochilas, onde se domam poldros; por esses campos rechinantes de carros de bois, nos ermos que sulcam tropas aligeiradas pelo tilintar do cinerco».

(MONTEIRO LOBATO).

E é esse o Brasil que ainda espera que alguém aviste o seu «monte Paschoal».

Seiva estudando economica e socialmen

FEIRA, UMA CIDADE



Escola Normal de Feira

Iniciando uma serie de estudos economicos e sociaes das grandes cidades do Estado, a bem de mostrar a quantos leiam esta revista a situação economica dos nossos principaes municipios, o seu progresso, o seu indice educacional, as suas vias de comunicação, as suas rendas, teremos oportunidade de apresentar, não para fazer criticas, mas para cooperar, sugestões oportunas, mostrando as realizações por ellas reclamadas e exigidas.

Divulgando a nossa revista da maneira mais efficiente em todo o interior do Estado e em grande numero de capitães do paiz, levamos, assim, parcelladamente, o conhecimento dos nossos nucleos populacionais e da nossa produção a todo o Brasil. E na necessidade dessa divulgação não precisamos insistir. Somente conhecendo o Brasil e os seus problemas poderemos trabalhar por elle. *Patriolismo é, antes de tudo, conhecimento.* O inconsciente, o alheio á situação politico-economica nacional, o desconhecedor do Brasil poderá, quando muito, ter um «patriotismo ôco», mas nunca trabalhar pelo seu engrandecimento.

Assim é que trazemos á luz da publicidade as nossas primeiras informações economico-sociaes, estudando uma das mais florescentes cidades da Bahia: FEIRA.

Afastada da capital apenas 144 kilometros, ou sejam 4 horas de viagem pela rodovia Bahia-Feira, esta cidade, situada num planalto de 245 metros de altitude, possui um dos mais agradaveis climas da zona. Plana, ruas compridas, largas e bem calçadas, boas construções e parques tornam-na de um aspecto raro em o nosso hinterland.

HISTORICO

Fundada em 1696, quando foi creada a freguesia de Sant'Anna de Feira, com séde no districto de São José das Itapororocas, hoje Villa Maria Quitéria, em virtude de ahí ter nascido esta heroína, foi, por decreto de 15 de Novembro de 1832, elevada á categoria de Municipio, para o que foi desmembrada do Municipio de Cachoeira, cuja installação se deu no dia 18 de Setembro de 1833. Em 16 de Junho de 1873, por lei provincial desse mesmo dia sob n. 1320, foi elevada a cidade com a denominação de «CIDA-DE COMMERCIAL DE FEIRA DE SANT'ANNA».

E' hoje denominada Feira, por determinação do decreto n. 7.479 de 8 de Julho de 1931.

EXTENSÃO TERRITORIAL E POPULAÇÃO

SUPERFICIE — 3.253 kilometros quadrados.

POPULAÇÃO ABSOLUTA — 125.000 habitantes aproximadamente.

POPULAÇÃO RELATIVA — 38,4 habitantes.

DIVISÃO TERRITORIAL

A cidade comprehende 9 circumscrições ou districtos, assim denominados:

MARIA QUITERIA

SÃO VICENTE

IPUAÇÚ

ITACURUÇA'

SANTA BARBARA

HUMILDES

TANQUINHO

ALMAS

BOM DESPACHO.

PRODUÇÃO

A produção da cidade de Feira se faz sentir na agricultura, na pecuaria e na industria. Possuindo muitas fazendas de plantação de fumo e cereaes, estes constituem os seus principaes productos agricolas. O fumo desta zona, sobretudo o da Feira, é apresentado no mercado internacional como um dos melhores. Feijão, milho e uma infinidade de cereaes, fructos e legumes são encontrados nas suas celebres feiras semanaes, talvez no genero uma das maiores de todo o Brasil. Na feira de animaes vivos encontramos em abundancia desde os bovinos até os equinos, asininos, muares, caprinos, ovinos, suinos e aves em grande numero e especies.



Trecho da Avenida Senhor dos Passos

E' na pecuaria onde a Feira alcança o seu maximo de produção, conquistando a posição de maior productor de ovinos do Estado. As suas feiras de gado apresentam uma media de 2.000 a 2.500 bois semanalmente, que abastecem todo o consumo de carne verde da capital.

Como productos derivados do gado encontramos as pelles e couros, requeijões, manteiga etc.

Na industria, acha-se a Feira ainda em pequena actividade, contando, porém, com algumas fabricas de

mente os principaes Municipios do Estado

DADE QUE CRESCE

charutos, ladrilhos, bebidas, artefactos de couro, farinha de mandioca; alambiques etc.

COMMERCIO

O commercio de feira é o mais desenvolvido de todo o norte do Estado. Possuindo uma praça bastante movimentada, com muitas firmas importantes, a sua vida intensifica-se cada vez mais, prometendo tornar-se um grande centro commercial, para o qual tem convergido e ha de convergir um grande numero de forasteiros, augmentando a população e o numero de braços para o trabalho.

Para esse desenvolvimento populacional e economico da Feira têm concorrido as suas ainda deficientes vias de comunicação. Conta com uma estrada de rodagem para a capital, a melhor do Estado, porém mal conservada, e com varias outras para os seus municipios e cidades circumvisinhas, salientando-se a de Feira-Serrinha. Possui um ramal de estrada de ferro de Cachoeira a Feira, da Cia. Ferroviaria E'ste Brasileiro, numa extensão de 48 kms. Em breve possuirá uma linha aerea.

RENDAS DE ARRECADAÇÃO

Foram as seguintes as rendas dos 3 ultimos annos:

1936	616:857\$251
1937	591:231\$096
1938	756:359\$080

EDUCAÇÃO

Com uma população de 125.000 habitantes, a Feira possui 35 escolas estaduais, 5 municipais, uma escola Normal Rural e um Gymnasio (officializado).

IMPrensa

A imprensa local é representada pela «Folha do Norte», que tem 30 annos de fundada.

ADMINISTRAÇÃO ACTUAL

Occupa o cargo de Prefeito Municipal, o Sr. Heraclito Dias de Carvalho, que, sem procurar fazer elogios comprados ou imerecidos, tem dedicado esforços ao progresso local, destacando-se pela honestidade com que tem administrado e applicado as rendas municipais. Tem realizado algumas obras publicas e pretende realizar outras, sobresahindo-se a construcção dos «Currais Modelo Matadouro».

Analysada a situação economica e educacional da Feira, vemos claramente, se volvermos os olhos para alguns annos atraz, que a linha do progresso tem alcançado sempre um sentido recto. Mas não podemos deixar de apreciar tambem a pouca importancia que os poderes publicos têm prestado a este centro productor do Estado, que amparado pela sua ajuda progrediria muito mais, contribuindo, assim, para a maior riqueza economica da Bahia.

A não ser agora, com as ultimas franquias do governo aos lavradores, mas que ainda não se effe-



Edifício da Prefeitura

ctivaram, nenhum incremento foi dado a essa zona nenhum auxilio accorreu aos seus criadores e agricultores nos momentos difficeis e calamitosos de seccas. Aliás, desse mal tem padecido todo o Norte do Paiz. Actualmente, possui o municipio alguns milhares de tarefas de terras para serem dadas por accessão aos lavradores. Esperamos uma bem feita distribuição desses lotes e as necessarias medidas de fomento que o momento exige para o desenvolvimento agricola.

Uma outra exigencia se faz imperativa. Essa, entretanto, não precisa ser frisada: *agua e esgoto*. A sua indispensabilidade resalta aos olhos do mais superficial conhecedor das necessidades higienicas e sanitarias. A Feira, com o clima e a topographia que tem, se tivesse agua e esgoto seria uma verdadeira cidade sanitaria. Mas, o regimen dos barris carregados por burros que tiram agua barrenta e salôbra das cisternas infesta a cidade das multiplas molestias que delle provêm, agravando a saude dos seus habitantes. A eliminção feita nos quintaes, na maioria das casas, constitue um veneno para as crianças e adultos que nellas residem. E triste é que até hoje, muito mal se iniciasse no governo passado umas pesquisas nesse sentido, mas que não passaram de uma safada comidilha.

Finalmente o problema educacional. Elle exige urgencia. Não obstante possuir uma Escola Normal Rural e um Gymnasio (officializado), o ensino primario encontra-se em estado desolador. É o reflexo do problema nacional.

Com uma população approximada de 25.000 habitantes a Feira conta apenas com 40 escolas. Calculemos o numero de crianças em idade escolar na pequenissima proporção de 10% e verificaremos que 12.500 estão aptas á educação primaria. Fazendo uma media de 100 para a frequencia escolar encontramos o numero de 4.000 meninos. Portanto, 8.500 crianças não assistem ás escolas. Crescem na cegueira da ignorancia. Isso, numa região prospera e relativamente salubre, onde ao lado da iniciativa do governo está sempre solidaria a iniciativa local e as suas boas condições de meio.

A Feira deve esperar a maior attenção da parte dos poderes publicos, porque bem ella a merece.

Os estudantes Brasileiros e o turismo cultural

Archimedes de Mello Netto

O turismo de estudantes brasileiros dentro do seu país, não pode ser um turismo igual ao puramente "turístico", com ares de passeio ou de goso burguez, que interessa muito aos homens de negocio, ás companhias de navegação, ás estradas de ferro, aos grandes hotéis.

O estudante brasileiro em geral excursiona com passagens fornecidas gratuitamente pelos governos. Somente das terras de Estados privilegiados, se movem raramente embaixadas de estudantes de algibeiras cheias de dinheiro, para assistir a Exposições, Jogos Internacionais, e até Olympiadas na Alemanha, indo centros importantes a fóra, pagando bem caro o que de divertimentos luxuosos a civilização offerece, tomando vinho do Porto em Lisboa, champagne na França, vinho do Rheno na Alemanha.

O turismo que interessa ao Brasil no sentido nacional e cultural, esse quasi não é feito pelos estudantes. Mesmo nas condições precarias em que elles realizam as suas excursões no país, é para conhecer os maiores centros, artificialmente, quasi completamente divorciados do lado cultural e nacional.

Os estudantes da Norte-America se munem de boas machinas photographicas, roupas de trabalho, sem dispensar o macacão, botinas reumas, barracas, cantis e até material de cozinha, para realizar o trabalho de excursões que nunca visam centros de modernos hotéis, bondes e omnibus confortaveis, cabarés, etc.

E' justamente o turismo de colote e perneira, de bota, de macacão, ao menos de traje esportivo e frouxo, que interessa ao Brasil, mas feito por brasileiros com capacidade de estudar. Para o sufficiente exito desse trabalho desnecessario é falar de um plano nacional commum a todas as escolas e a todos os Estados, fundado em condições mesologicas, ecologicas. O turismo de estudantes brasileiros que nunca mereceu a atenção dos governos ou do Ministerio da Educação, depois de organizado o plano a que me refiro, seria por certo objecto de sua parte.

O Congresso Nacional de Estudantes realizado em dezembro ultimo, sugeriu e aprovou sugestões sobre excursões de estudantes no país e no estrangeiro, mas poderia ter discutido também a melhor maneira de desenvolver o sentido social e cultural nacional do turismo. Poderia ainda ter feito, e como não o fez, será opportuno organizar no proximo Congresso, um plano nacional de turismo que aprovado por todas as escolas superiores e por todas as associações de academicos, por todos os congressistas enfim, será o unico programma de turismo academico a ser observado. Então, acabar-se-á com o turismo academico de *chance*, de oportunidade, quando se aproveitam as relações de amizade com um governo para passear a cidades de luxo, a titulo de "intercambio academico" cheio de discursos verbosos e improficuos e almoços em troca de cartões de ponta esquerda quebrada, sem o fundamento social que exige — repita-se — o turismo academico.

O programma nacional turistico universitario ou coisa que o valha, deve previr todas as medidas necessarias a evitar o

turismo afilhadesco. De um grupinho de rapazes, os mais perfumosos e os mais redondos das Faculdades, senhores de passagens fornecidos pelos governos para turismo de estudantes no real sentido e usados apra passeios.

O turismo de estudante não se pode comprehender distante do trabalho, das longas caminhadas, das enfadonhas porém produtivas pesquisas em bibliothecas e em arquivos de camaras, de cartorios, de bibliothecas publicas, de institutos archeologicos, historicos, geographicos e até de arquivos particulares.

No tempo actual não se pode comprehender a falta de obrigação das embaixadas de estudantes em produzir e publicar "plaquettes", monographias, enquetes, relatorios, a respeito do que observaram e por certo devem ter estudado. Tão pouco, as embaixadas que se movem pelo espirito de divertir a vista, sem realizar qualquer estudo historico ou geographico, cultural ou social, para ser publicado pelas escolas a que pertencam ou pelo proprio governo que forneceu passagem para esse objectivo.

Torna-se dispensavel falar aqui em estudos de campo — os *field work* — a que se dedicam os estudantes norte americanos, fazendo grande contribuição aos seus estudos sociais e nacionaes.

Das terras do Amazonas ás do Rio Grande do Sul e de leste a oeste do Brasil, têm os estudantes brasileiros o melhor material humano e ecologico a estudar, a observar, como contribuição á nossa historia social, ao estudo dos nossos problemas nacionaes em geral.

Esse trabalho, feito a olho nú, de perto, em contacto com o *locus*, em contraposição ao observador estrangeiro rico que olha de longe, com medo do tracto vis-a-vis, de binoculo, de bordo dos navios e dos aviões. Em contraposição também a qualquer espionagem estrangeira profissional, organizada e mascarada de turismo intellectual ou espontanea e social feita de perto, também a olho nú, que se realize em nosso país. Em contacto os estudantes brasileiros mesmo com os igarapés do Amazonas, as seccas dos sertões do Nordeste em geral; os paús e os mucambos de Pernambuco e do Nordeste; os negros da Bahia em seus motivos africanos; a colonização do Espirito Santo, de São Paulo, do Paraná e do Rio Grande do Sul, nos seus aspectos mais duros e menos nacionaes.

No lado oeste do Brasil, em contacto

com os varios paizes estrangeiros de formação ibero-hispanica, o cabedal a estudar-se varia então de aspecto e talvez os estudantes brasileiros tivessem a oportunidade de impressionar-se com questões como a do Perú que preoccupou tanto o espirito de Euclides da Cunha, que via a penetração social e ethnographica dos "quichuas inuteis" na Amazonia, peor do que a militar. Elle não comprehendia boa politica do Brasil, «a remessa de successivos batalhões para o Alto Purús», contra os caucheiros peruanos, mas «um erro» que dificultaria «a defesa das circumscripções administrativas criadas pelo tratado de Petropolis» que resolvera diplomaticamente a questão, mas não socialmente.

Euclides chegou a prever «uma entrada atrevida» dos peruanos «na Amazônia, uma *rush* salvadora ás cabeceiras do Purús, visando do mesmo passo uma sahida para o Atlantico e um scenario mais e mais fecundo ás (suas) actividades». Uma entrada não só de quichuas, mas do peruano em geral, orientada como vem sendo, até por alguns estadistas daquelle país, «buscando liberto-o das anomalias phisicas que o deprimem», com a expansão para leste através do riô Purús, que — disse Euclides — é a «sua sahida obrigatoria» até o Atlantico o «seu verdadeiro mar». Aquelle engenheiro brasileiro advertiu-nos até sobre a guerra que poderia advir daquelle questão, quando no mesmo capitulo declara que «em qualquer rua de Lima», «se ostenta a mais numerosa galeria ethnographica da terra», não deixando de citar entre as principaes raças, a amarella, que qualificou de *desfibrada*, sem talvez pensar que ella viesse a constituir o principal colono rural do Amazonas immenso e deshabitado que precisaria reagir á «*rush* salvadora» em caso de conflicto, armado ou social.

Os colonos japonezes do Amazonas — talvez orientados por plano politico — não terão o menor empenho em defender armada ou socialmente nada além de seus bens e dos proprios interesses niponicos. Para elles, que venham os amarelos do outro lado — do Perú — através do rio Purús, unir-se ao seu trabalho, quebrando fronteiras, provocando conflictos em beneficio da actual intenção imperialista e economica do Mikado. Foi esse aspecto da questão que Euclides não anteviu. Elle não julgou que o conflicto fosse provocado entre o Brasil e o Perú, por amarelos, interessados em tirar proveito da contenda, fornecendo stímulo, orientação e até meios de guerra aos peruanos, para investir contra o Amazonas, onde elles pretendem concluir o trabalho que iniciaram talvez de penetração conquistadora.

No momento, a defesa social afim de evitar o conflicto armado, compete aos brasileiros mais sensatos, quebrando qualquer bloco ethnographico anti-nacional pedrado, em favor da paz e da comprehensão entre todos os paizes americanos.

O turismo social do estudante brasileiro acompanhado do trabalho de campo, do levantamento e interpretação de dados historicos e estatísticos, culturais e sociais, só pode contribuir para a fixação da nacionalidade, em defesa de questões como a que Euclides previu tão derrotista, porém com o seu talento observador e realista.

MOBILIARIA CHIC

JORGE GROSSMAN

Especialidades em Moveis do Rio
Estylos Modernos

Grupos Estofados para Salão

Apparelhos de Radios — "PHILLIPS"

RUA CHILE N. 7

End. Teleg. Chile Telephone 4309

BAHIA — BRASIL

ISAAC NUCINKIS

Casemiras Nacionais e Estrangeiras

BRINS E AVIAMENTOS PARA ALFAIATES

RUA DA MISERICORDIA, 1 — (Loja)

End. Teleg. "ISAAC" — BAHIA

Livraria e Papellaria Alves

ARTIGOS PARA COLEGIOS E COLEGIAES

Trabalhos tipographicos em geral

LARGO DA SE', 2 (Defronte ao Arcebispo)

(Continuação da pag. 2)

procurado se aproximar do sentimento democrático a ponto de se ter tornado possível, em certo grau uma frente única entre materialistas e idealistas contra a barbárie fascista. Mas na realidade essa atitude ou sentimento democrático se deve não tanto aos interesses filosóficos e religiosos quanto aos interesses políticos da Igreja, que assim deseja lutar contra o paganismo fascista e nazista. Na realidade a Igreja nunca foi, nem filosoficamente liberal, nem politicamente democrática, senão quando tais atitudes servem os seus interesses. Não obstante, os verdadeiros materialistas devem marchar ao lado dos humanistas, apesar do seu idealismo, enquanto for possível para lutar contra o reacionarismo fascista e nazista.

6—Si passarmos para o terreno da vida social, propriamente dita, muitas são as diferenças que encontramos entre as atitudes dos materialistas e dos idealistas. Citaremos duas questões de grande importância por serem muito oportunas.

Os idealistas, em particular os religiosos, e entre estes os cristãos, por exemplo, são por uma *filantropia social*. Procuram dar um tratamento misericordioso aos «desprotegidos de fortuna», aos pobres em geral, minorando-lhes o sofrimento por meio de associações de Caridade, e varias formas de assistência social. Os materialistas ao contrario são partidários de uma *justiça social*, isto é, uma melhor distribuição das riquezas e do conforto que o atual estado da Civilização permite dar ao homem.

Finalmente, o idealista é *pacifista*, acredita que se possa evitar a guerra por meio de discursos, e apelos pró-paz. O materialista, ao invés é *anti-guerreiro*, isto é, não crê em discursos e sim na luta contra a guerra, pela ação concreta das massas. Os materialistas lutam pela paz até mesmo de armas na mão si for necessário e possível.

7—Nessas poucas linhas é claro que não nos foi possível traçar senão um quadro muito sumário e esquemático das diferenças existentes entre o materialismo e o idealismo, que aliás, são muitas.

Mas acreditamos que pelo que acima foi dito já se pode ter uma idéa do que realmente é o materialismo.

O que é preciso, principalmente é liquidar as calúnias que se tem levantado contra essa doutrina e os seus seguidores. É inevitavelmente uma tarefa difícil pois que ela própria luta consigo mesma para liquidar as suas próprias deficiências, erros e exageros.

Frise-se todavia:

Para o materialista, a vida não é contemplação, mas acima de tudo, atividade.

Ser materialista é colocar-se no sentido da marcha ou da evolução dialética do mundo e da humanidade. Ao contrario, ser idealista é opor-se a essa marcha.

(Continuação da pag. 11)

lhães (O SUICIDIO DA ENGOLEHOMEM), Lucia Miguel Pereira (EM SURDINA), Arnaldo Tabaiá (BADU), Herman Lima (TIGIPIÓ), Abguar Bastos (SAFRA), João Cordeiro (CORJA), Aurelio Pinheiro (MACÁU), dos modernos, que unicamente com o romance citado, merecem atenção e não figura, nem a titulo informativo?

Pescadores de perolas e catalogadores de curiosidades literarias, colecionem as concreções e fráses feitas de Oliveira Montenegro. A nós, bastam-nos estas linhas des alinhavadas, á feição de comentário...

Cuidado com o Solo Europeu!

MOSCOU 5 de Abril. — Ontem á tarde cerca de 10.000 homens transpuseram a montanha branca com destino á região de Samara.

Trata-se de uma pesquisa petrolífera.

(DOS JORNAES)

Oh! homens que caminhaes com destino á região de Samara!

Muito cuidado!

Lembraí-vos dos massacres, dos assassinatos, das revoltas, das revoluções e das guerras que estão se desenrolando sobre o solo Europeu!

Muito cuidado oh! pesquisadores!

Lembraí-vos tambem que, "num jardim abandonado em Valença, nasceu um lírio côr de sangue"!

E que acompanhando os rios de petroleo, correm outros rios de côr diferente...

Não vos esqueçaes!

Quando fordes perfurar o solo Europeu, muito cuidado!

Em lugar de petroleo, poderá jorrar sangue humano!?

VERISSIMO DE MÉLO.

De Jacques Maritain

Para aticar o fogo maligno que consome os povos na Europa de hoje, ha quem queira o desaparecimento e a morte, ou antes, todo o extermínio dos judeus — pois, definitivamente, acaso não é disto o que se trata? — e que com o aparato estúpido do scientismo racista ou de documentos falsos illudem aos outros homens, e, ás vezes, a elles mesmos, a esperança louca de uma matança geral da raça de Moisés e de Jesus. Esta matança constitue um verdadeiro ensinamento; os germens do odio de que está cheia a atmosphera são uma realidade. Muito amor, muito espirito de justiça e caridade fizeram falta para sanear esta atmosphera. Para fins políticos commettam-se em nossos dias singulares abusos dos entes que nos são caros e em quem o mais discreto dos homens confia ainda. Em certos paizes compra-se ao Christão para fazer o boycott ao commercio judeu. Ainda odiando o Evangelho, as correntes dominantes do nacional-socialismo alemão se declaram christãs contra o Papa e as Igrejas.

O partido do Sr. Goga chama-se, se não me equivoco, Nacional-Christão; o do Sr. Cuza, Liga de Defesa Christã. Haverá um dia um racismo christão, como os Thor e os Odin da civilização christã, como a perseguição christã, ou os bombardeios christãos de cidades abertas? Blasphemada por uns, profanada por outros, rivalizam-se os que querem banir deste infeliz planeta a Santidade de Deus. O desespero em que muitas almas correm risco de ser levadas por estas cousas está carregado de maldição. Não é assim que a civilização christã ha de ser defendida. Não creio ceder a um impulso de amor proprio nacional ao dizer que os catholicos da França ouviram com um feroor particular o que o Papa Pio XI disse aos seus bispos: "A pregação da verdade não realizou muitas conquistas para Christo: conduziu-o á Cruz. Pela caridade, Christo ganhou as almas e as levou consigo". No ha pois, outros meios de ganhar, nossa alma e as outras almas e um pouco de paz para o mundo.

OS NEGROS CANTAM POEMAS

JOSE' SAMPAIO

As mãos balendo no caizão vasio

Os olhos perdidos nas estrelas

O negro canta

E o vento leva o canto amargo na bôca:

"Eu não tenho mais esperança

Nem saude, nem abrigo".

Rola dentro da noile

A voz de quem não sabe onde perdeu [a força

Onde gastou a alegria

O grito amassado desses milhares de [negros

Que cantam nas horas da noile.

Poemas amargos

Que eles não sabem que se acabarão

E que nascerá o canto alegre dos [negros.

O que Custa uma Guerra!

HENRI DECUGIS

É cousa sabida que a guerra destroe todas as formas mais elevadas da civilização. Na ultima guerra mundial pereceram oito milhões de homens, quinze milhões soffreram mutilações e trinta milhões ficaram feridos. As perdas materiaes ascenderam a \$400.000.000.000 de francos. O Dr. Nicolás Murray Butter tem procurado demonstrar o que significa esta cifra astronomica.

Com \$400.000.000.000 de francos poderíamos construir uma casa de \$2,500 francos, com moveis na valor de \$1,000 francos e circumdada por cinco acres de terreno a \$100 francos o acre, para cada familia dos Estados-Unidos, Canadá, Australia, Inglaterra, Gales, Irlanda, Escocia, França, Belgica, Allemanha e Russia.

Haveria sobrado dinheiro sufficiente para proporcionar a cada cidade de 20.000 habitantes ou mais, em todos os paizes acima mencionados, uma bibliotheca de..... \$5,000,000 francos e uma universidade de \$10.000.000 francos.

E com o resto haveria ficado dinheiro bastante de nossos..... \$400.000.000.000 de francos para comprar toda a França e toda a Belgica, isto é, todas as suas casas, fabricas, igrejas, carris de ferro, tudo, em summa, que possuíam em 1914.

O FEIJÃO E O SONHO

VIÉGAS NETO

Decidira elogiar o livro de Origenes Lessa, sem o ter lido, sem lhe ter, ao menos, aberto as páginas. Primeiro, porque simpatizei com a ilustração da capa, com o formato da obra, depois porque o autor é um excelente amigo meu. Até aí, nada de mais. Estava sendo apenas coerente com o sentido brasileiro da crítica literária. Também nada há de mais em afirmá-lo.

A coisa mais comum neste mundo de literatos improvisados é dar-se palpites sobre livros e autores inteiramente desconhecidos.

Aliás, sempre foi assim. Durante muito tempo falou-se em Darwin, com a facilidade com que se fala hoje em Bernard Shaw ou Pirandello. Até que Machado de Assis, o homem essencialmente honesto, o mais sincero dos nossos escritores, achasse conveniente estudar o evolucionismo para discutir evolucionismo. E através das páginas da revista «Novo Mundo» lança em letra de forma o seu pedido, dirigido aos moços do Brasil, no sentido de que legalizassem a sua cultura, lendo Darwin para falar em Darwin. Em geral, a cultura brasileira é assim clandestina. Clandestina não é bem o termo. Ostensiva é o que ela é. Coisa de luxo, para inglês ver. A crítica honesta mesmo, é fenómeno raro.

Escrevemos sobre um livro quando no-lo pedem, quando o autor é nosso camarada e forma na mesma panelinha literária. Raras vezes porque o livro seja bom de fato. Isto sem falar nas críticas profissionais, naqueles que escrevem por necessidade jornalística, por interesse que não o da arte, da literatura. De tal modo que a crítica resultou num meio rendoso de injunções, de amizades ou de inimizades. Aliás pródiga em inimizades, ou quando se pauta numa conduta séria, condizente com as finalidades do genero, ou quando lhe inspira o desejo de derrubar as torrinhas alheias e concorrentes. Essas são as razões da crítica literária no Brasil, as que justificam a quasi totalidade dos artigos sobre livros e autores escritos no Brasil.

Voltemos, no entanto, ao «Feijão e o Sonho» do Origenes. Lido o livro, o desejo de escrever sobre ele, transformou-se em necessidade. Necessidade porque desejei confessar até que ponto me levaram os primeiros impulsos da amizade e mesmo a ilustração do Moura. O valor do romancista se sobrepôs a eles e já não era preciso elogiar o livro pelo simples desejo do elogio, barato e injustificável. Quero, com isso, deixar patente que se nestas apreciações sobre «O Feijão e o Sonho», muito houver de louvores, a culpa cabe, exclusivamente, a Origenes Lessa que escreveu um bom romance. Nesse livro se conta a história de um poeta, tipo cem por cento contemplativo, que num casamento mais ou menos desastroso encontra todos os motivos de uma vida acidentada, ao gosto de romancistas.

A historia não chega a ser banal. Vale, no entanto, pelos incidentes, pelas particularidades. Se não fosse abusar da linguagem cinematográfica, diríamos que o romance é cheio de «clase-upp».

Dai o predomínio dos diálogos, através dos quais o autor insiste sobre o tema do livro — a diferença de temperamentos que separava Campos Lara de Maria Rosa: os lados poético e prático da vida, o sonho e o feijão, os dois membros da eterna equação humana. O livro é feito de pedras o que, aliás, não prejudica a uni-

dade da obra. A interrupção frequente da ação, ou melhor, a descontinuidade cronológica do livro, chega mesmo a movimentar a historia, condenada por natureza á monotonia da vida de interior. A insuficiência de ambiente é as vezes suprida com os momentos psicologicos de rara intensidade. Intenso aí não quer dizer drama de espirito, que não falta, aliás, esses momentos são intensos porque refletem com intensa veracidade, momentos interiores da vida das personagens, como por exemplo, as reflexões finais de Campos Lara sobre o destino do filho que lhe apresentara um poema de sua autoria para corrigir. «Sou filho era poeta». Um arrepio de orgulho e de emoção percorreu-lhe a pele. Afinal de contas, tinha sido aquele o seu sonho toda a vida. Um filho que se perpetuasse, que valesse por si, que continuasse a sua obra. E teve o impulso de abraçá-lo. Sentiu que os seus olhos se enublavam de lagrimas. Lembrou-se, porém, da sua vida. Dos seus anos de luta, de sonho, de tormento e de agonia creadora. Da vida árdua, humilde, sacrificada e dolorosa que vivera. Da existência que dera á familia dominado pelo seu devotamento exclusivo á arte. Da vida que dera ao proprio filho. Era essa, a vida que elle tinha diante de si. Que teriam os filhos de seu filho. E que seria talvez peor, porque não era só

arte que o chamava. Outras insidias e outros desenganos o esperavam.

— Prestam? Continúo?

Campos Lara sorriu. E batendo um cigarro, o pensamento melancólico no vazio da vida, ficou olhando o filho sem achar a resposta. «No sorriso de Campos Lara esboça-se toda uma historia de sacrificios. Naquela atitude do poeta — «o pensamento melancólico no vazio da vida» — Origenes Lessa fixa um momento psicológico muito chegado ao drama de espirito, em que não há lutas de paixões desenfreadas, mas um conflito de lembranças, de esperanças e desenganos, de sonhos insatisfeitos e a realidade esmagadora do feijão, o lado mau da vida, e a experiencia de uma vida diferente da que todos nós almejamos. Naquela momento Campos Lara deixara de ser o poeta, o autor de alguns grandes romances, para ser todos os poetas, para ser todos os romancistas.

Concordo, plenamente, com aquelle jovem critico que ao Origenes Lessa chamara apenas de bom romancista. Enquanto entre nós, não estiverem devidamente apurados a significação e o tamanho do adjetivo «grande», Origenes Lessa continuará a ser um bom romancista apenas, da altura dos nossos melhores.

PROVINCIA

ALBERTO BARRETO DE MELO

O ambiente é o mesmo de todos os dias: a velha igreja com as paredes enegrecidas por força de centenas de invernadas, o cruzeiro de madeira escura e tósca e ao redor casas igualmente velhas.

Nada altera aquela paz. Nada aparece diferente. Todos os dias fazem-se os mesmos gestos e os mesmos movimentos, chegam as mesmas pessoas, que fazem os mesmos serviços, que falam e andam da mesma maneira.

Tudo é igual, repetido, uniforme. Por força de circunstancias varias aí domina o dogma da involução. As tardes, as noites, chegam matematicamente iguais e com elas as pessoas, os fatos, os acontecimentos.

E nesse ambiente tedioso, sempre igual, vive uma humanidade decadente.

Aí nessa praça com a velha igreja escurecida pelo tempo, vive um povo também escurecido pela ignorancia, pela falta de compreensão da vida, pela cega obediencia aos

dogmas morais e sociais de seculos passados.

Um povo sem pensamento, sem liberdade individual, sem capacidade de pensar e com a única capacidade de obedecer leis hereditarias de seus ancestrais, um povo morto.

Sem força moral, numa grande derrocada.

Habitam casas velhas e escuras, vivem aí automaticamente, por força de uma lei biologica, mas sem capacidade de tomar conhecimento de suas vidas, de estudar os problemas de suas vidas.

São velhos e moços que não se distinguem porque todos não passam de velhos. Pensam pela tradição dos antepassados, vivem como viveram os antepassados.

A juventude que se caracteriza pelo pensamento livre, não existe aí. Os moços não passam de velhos caducos, vivendo pela tradição, pensando pela tradição.

(Continúa na pagina 23)

UM CONTISTA NA INTIMIDADE: DIAS DA COSTA

ELIEZER BURLÁ

Não me é fácil falar de Dias da Costa. A amizade pessoal que nos une, e mesmo a admiração que lhe voto, tolhem-me as expressões e obrigam-me a fazer um certo esforço para discorrer imparcialmente sobre a sua pessoa e a sua obra. Porque, si ha uma coisa que se exige — e com toda razão — de um biografo ou de um critico, ou de ensaista, não é tanto a imparcialidade, mas a honestidade. E é o que procurarei fazer na medida do possivel.

Literariamente, Dias da Costa dispensa apresentações. Todos os que se interessam pela literatura no Brasil, devem ter travado conhecimento com os seus contos perfeitos, de técnica e de realismo. Pessoalmente, é um sujeito baixo, de olhos, malicioso e de conservação absorbente. Dotado de um desenvolvido sentido de observação, não deixa escapar nada, não esquece detalhes, não se deixa impressionar por falsas e aparentes belezas de forma. Entretanto, é capaz de fazer rasgados elogios à obra de escritores ou poetas que, embora divirjam de sua opinião, tenham qualidades merecedoras disto. Ou vice-versa: apontará os defeitos dos seus amigos mais chegados ainda que lhes fira a vaidade. Um exemplo está na sua critica a respeito de *Mar Morto*, de Jorge Amado. Ora, Dias da Costa é amicissimo do Jorge, são até compadres; entretanto ele escreveu que *Mar Morto*, si tinha prediados literarios excepcionais — como naquelas paginas onde se derrama a poesia do mar infinito, coalhado de saveiros, e encimado pelo ceu cheio de pontinhos luminosos — não estava à altura de *Jubiabá*, não possuia aquela impregnação fortemente humana que se desprendia do negro Balduino. Elogiou, por exemplo, *Calunga* de Jorge de Lima, ainda que discordasse absolutamente das suas conclusões.

Não pertencendo às «igrejôcas» e «panelinhas» que abundam por estes Brasis a-dentro, Dias da Costa não tem livro algum publicado, não faz intriguinhas para pôr-se em evidencia. (Uma referencia: Dias da Costa, em colaboração com Edison Carneiro e Jorge Amado, escreveu aquela novela que hoje pouco conhecem: *Lenita*). A sua colaboração anda por aí, esparsa em centenas de revistas e jornais que lhe tornam o nome conhecido — sem os estardalhaços e as auto-propagandas sonantes que muitos escritores fazem de si mesmos. A sua maior alegria literaria foi saber que, após a leitura do seu conto «Dez anos de trabalho», um funcionario da alfandega afirmou a um seu conhecido:

— Aí está toda a minha vida, escrita.

Deste fato real Dias da Costa escreveu aquele conto que é um dos melhores da nossa literatura atual, «O Personagem».

Licípulo de Pinheiro Viégas, é irreverente mesmo com as cousas mais sérias. Com a rara qualidade de poder sintetizar as suas opiniões de maneira feliz, escreveu num trecho da novela «Pensão Familiar»: «A metafisica é uma cabra-céga no vasio». E' surpreendente a agilidade do seu espirito que encontra sempre uma «tirada» para todas as situações, que ironiza, sem nunca se tornar vulgar, varios assuntos quasi ao mesmo tempo.

Intransigente sob todos os aspétos, os seus

contos são diréto, crús muitas vezes, humanos. Os seus personagens não são simples figuras literarias dos quais se serve para mostrar aos outros que sabe escrever; todos eles têm uma função, assumem significação dentro da sociedade. São os excrementos da humanidade degenerada, os que carregam o sofrimento consigo a vida toda em doses maiores ou menores. Daí a força que se desprende dos seus contos, o tom categorico das suas criticas.

Está sempre atarefado. Na redação do «Pan», do qual é redator-chefe, passa o dia todo fumando cigarros ininterruptamente, organizando novos numeros, escolhendo material, dando ordens para a tipografia, recebendo telefonemas de dez em dez minutos, e nos intervalos fazendo as suas contas particulares para convencer-se mais uma vez de que não tem nada, que depois de pagar a casa e mais despezas correntes, não lhe restará alguma cousa que, ao menos, compense o seu trabalho. E de noite escreve contos, cronicas e criticas com a mente exasperada e o corpo cansado, apenas pela sua inalteravel boa-vontade em aceder aos pedidos amigos de colaboração. Tem um unico defeito (não falo dos menores que não são propriedade exclusiva de ninguém): é timido, sente uma certa reserva em pedir favores aos outros, em chamar a atenção de alguém sobre a pessoa de um seu amigo ou conhecido. Em geral, esta atitude é muitissimo melhor e mais decente do que a de muitos individuos que, por interesses proprios, incensam nulidades, apresentam-nos a todo mundo como «fenômenos» e sentem-se ofendidos si discordam da sua opinião.

Eis aí, em traços rapidos, a imagem fisica e mental de Dias da Costa. Sinto que o quadro não está completo, que ha muitos detalhes sugestivos ainda a apontar. Não me acho com capacidade de analisá-los. Mórmente quando reponta em todas as frases a minha simpatia por ele. Dias da Costa — e aí está a mais poderosa razão porque não prossigo — continuará o mesmo com ou sem o meu testemunho, porque ele sabe que as adulações e os elogios servem para disvirtuar rumos, não para construí-los; que a literatura que fala aos corações dos homens é a verdadeira literatura, e que a estrada que está palmilhando é a certa, ainda que em cada esquina haja um atalho e que uma verdade geometrica pode ser uma verdade social: a linha réta é o caminho mais curto entre dois pontos.

Livros recebidos:

«POEMAS SEM INTENÇÃO», de Paulo Alves.
Editora Cachoeiro, 1939. — Espírito Santo.

«NEVOAS DO CAMINHO», versos de J. M. Coimbra.
Edições Éto. — São Paulo.

A Direcção agradece a gentileza dos auctores.

Noticias velhas e novas sobre o São Francisco

Afranio MELO

O S. Francisco continua enchendo. As suas águas, amarelas como barro, vêm de cima, rugindo como um bicho, vêm do sertão carecido de chuva, carregando restos de choupanas, cascos de canoas, galhos de árvores seculares, animais mortos mais de fome que de afogamento. As águas fazem remoinhos terríveis, lutam contra os pés de serra como o mar contra os arrecifes. A gente ouve, de longe, os gritos espantosos que soltam os combatentes. A's vezes, o rio agarra e carrega para o seu seio embarcaçõesinhas com azas de borboleta, rebenta as canoas pequenas nos abraços perigosos que lhes dá, faz aparecer nos remansos ou espetados nos calumbis da margem corpos dilacerados de barqueiros ingênuos, com feições de criança que entrou no céu.

Eu sempre via no S. Francisco um rio que quasi assiste ao meu nascimento, onde eu tomei os meus primeiros banhos, impudicamente junto ás amigas de minha mãe, pobre mãe que temia as piranhas e as locas de pedra mais do que o diabo teme a cruz.

Eu ouvia falar, naquele tempo, nos segredos do rio, nas suas manhas, nas refregas violentas, no Saco, na Tabanga, nos perigos a que estavam expostos os canqueiros que sempre passavam cantando, e não podia compreender como queria aquela gente ganhar dinheiro a troco de tanto risco. Olhava os romeiros como seres diferentes, como heróis da marca de Robinson Crusoe, cuja historia meu irmão lia para o povo lá de casa escutar.

Quando o vento apertava, as águas do rio avançavam sobre a margem com uma fúria medonha, bufando, balançando doidamente os golfos pacatos. Eu chorava com medo que o S. Francisco crescesse, viesse a subir o morro e a carregar todo mundo para o mar. Um medo tolo de menino criado no rabo-da-saia...

Depois como era natural e—é preciso que eu explique—como sou humano, feito de carne e osso, como todos os sujeitos que vestem calças e andam pelas ruas, flinando ou trabalhando, cresci.

Cresci e tornei a ver o S. Francisco. O rio continuava o mesmo. Passava pelo fundo das casas de Penedo, fazia barulho nas pedras de Traipú, procurava inutilmente acabar com o areal que cerca Pão de Assucar e que a transforma num Saára habitado. Apenas algumas coroas desapareceram e outras surgiram. Mas, isso nada tem de extraordinário. Vi o S. Francisco, entretanto, á noite, numas viagens arriscadas que eu não pretendia fazer mas que fui obrigado a fazer, em fins de 1937. Por infelicidade minha, havia no céu uma lua muito grande, muito mais bonita do que a gente avista de Maceió. Eu sou um individuo sentimental. Abandonando a familia e os amigos, num passeio sem destino, e, além disso, com um luar daqueles, não pude dormir. Fiquei horas e horas a escutar o murmúrio das águas batendo no casco da canoa, a ouvir os pedaços da discussão travada entre o remeiro e seu ajudante, um foca que pela primeira vez agarrava uma escouta e que temia castigos celestes ao mais simples palavrão soltado por qualquer um de nós. Sentia o coração bater-me no peito, como uma coisa que estava incomodada, sem sono como eu. Esperei até que a madrugada viesse me mostrar a largura do rio de forma perfeita,

já perto de Propriá, já ouvindo o galo cantar nos quintais sujos que vivem quasi agarrados á agua numa procura constante de limpeza, de purificação.

Passaram os dias. Subi e desci. Fui muita coisa neste mundão de Deus. Revisor-de-jornal, reporter, professor de linguas vivas e mortas. Vendi até drogas. Vivi de consultório em consultório médico, aconselhando certos produtos calcificantes, esquecido que os alfaiates estão fazendo seria concorrência ás farmácias no Brasil. Depois, melhorei de sorte. O mundo marcha. E ninguém ha de ser, a vida toda, carangueijo. Mas... isso não interessa. Estou falando no S. Francisco e, não sei bem porque, toda vez que falo no meu rio da infancia, vêm-me á memória pedaços de minha vida. Será porque o S. Francisco vive tambem? Ou será porque meu povo sempre andou nas suas margens, de deu me deu, mas agarrado ali como sururú na

casca, boa gente sertaneja que se fixa, mesmo a pulso, no solo em que nasceu. Não sei.

Ha poucos dias olhei o rio. Estava amarelo, como quem sofre de maleita. Inchado, bruto, perigoso, atacado de uma moléstia feia que ataca a muita gente importante: mania de destruição. Eu nunca o tinha visto assim, ou, pelo menos, nunca me lembro de o ter visto assim.

As águas subiram cerca de meio metro nos oito dias em que delas me servi. A conoa, pequena,— eu gosto muito dos pequeninos,— levou-me para cima, rumo ao sertão. Continuamente, grossas nuvens avolumam-se no oeste, traçando pelo céu figuras exóticas e bons palpites para o jogo-do-bicho. A' noite, os relâmpagos faziam a escuridão fugir a todo instante. As águas cor-de-barro já haviam feito as piranhas correrem para as locas. Isso deveria contentar, em parte, minha mãe, se ela ali estivesse. A's vezes, ouviam-se trovões gemer muito longe, como se fosse uma queixa contra as maldades do mundo. Tudo, nesse pedaço de terra, é ingenuo: o homem e, sobretudo, a paisagem. As serras,

(Continúa na pag. 23)

S O N E T O S

Os mais bellos sonetos do mundo... Eis ahi um assumpto que ainda pode interessar porque ainda existe parte daquella geração que gostava mais de um Heredia do que de um Castro Alves. Eu conheci um poeta cearense que dormia com os sonetos de Heredia debaixo do travesseiro. Esse poeta não sabia francez, mas como gostasse muito de soneto e ainda mais dos sonetos de Heredia, conseguiu, com o auxilio de Larousse, aprender todos os sonetos do mestre. Sempre que nos encontravamos, o que succedia frequentemente porque a cidade era pequena, elle me recitava um ou dos sonetos de Heredia. Não tenho boa memoria, mas me lembro de que havia um que falava do mar. Uma belleza de forma! Como scenographia, como filigrana, o soneto era uma maravilha. Entretanto Heredia não era um grande poeta. Quando muito um Cellini da poesia.

Houve tempo em que se falava sempre e em todos os cantos no soneto de Avers. Ah, o soneto de Avers! Um homem ficára celebre com um soneto de amor. O homem não era poeta e de repente resolve fazer um soneto pra namorada. Dessas coisas que acontecem, até mesmo na França... E como o soneto era em francez e era um soneto de amor, houve gente no Brasil que não sabia francez, mas que sabia de cór e salteado o soneto de Avers. Conheci tambem uma senhora que me falava constantemente do soneto de Avers. E' verdade que ella não declamava, como o poeta cearense, mas em compensação pretendia me convencer de que Avers fosse realmente um grande poeta e o seu soneto o mais bello do mundo. Não concordei nem concordo. Se se fizesse ainda hoje uma enquête para saber qual o mais bello soneto do mundo, estou certo que venceria o de Avers. Para justificar o seu voto, uns diriam que o soneto era uma joia, um vaso grego, uma obra prima e outros logares communs, e eu, baseado nisso, justificaria o meu voto contra. Ora, os grandes poetas não fazem obra de ourivesaria porque a verdadeira poesia é tosca. Tosca é a poesia de Homero, tosca é a de Shakespeare, e o nosso maior poeta foi o mais imperfeito dos nossos grandes poetas. A grande poesia não tem retoques, não soffre reparos, não se sujeita a regras, não tem nada de tira isto e bota aquillo. Que ha sonetos bonitos, não ha duvida. Podemos apontar mais de um até. Mas tratemos da origem do soneto. A palavra soneto, como se sabe, vem do latim sonus e depois do italiano sonare. Quer dizer som, harmonia etc. Até ahi muito bem. Pela sua origem e pela sua forma o soneto tem que ser uma obra mais musical do que poetica. Como forma é um espectáculo para a vista e como som uma delicia para o ouvido. Até ahi muito bem. Todos estarão de accordo commigo, até a joven senhora que gostava de Avers. Mas acontece uma coisa. Acontece

Galeão Coutinho, quando lançou o «Memórias de Simão, o caolho», deu ao Brasil um novo genero de especulação literaria. Um sentido de observação cujo valor está justamente em apresentar o terra-terra da vida, com uma satyra que em outro seria pamphleto, mas em Galeão Coutinho é a condição mesma da realidade apavorante que nos cerca.

Aquele geito todo seu de juntar pedacinhos de vida e interpretal-os com um furor de gigante objectivista, fez de Galeão Coutinho um dos mais serenos observadores dos pequeninos factos quotidianos no desespero dos abafados dias de S. Paulo. Através de «Memórias de Simão, o caolho» tomamos conhecimento com um descobridor de novas formas de analyse do meio familiar brasileiro, no que ha de mais tipico e original. O tremendo convencionalismo que perturba e destroe, a fugidia consciencia do meio, com as respectivas reacções, tudo isso inpregnou-se no romancista, deixando-o apto para apontar novos caminhos e fazer-se senhor de um assumpto que estava a espera de um desbravador consciante e honesto. A' força mesmo de suas paginas sentimos um calor estranho que domina, mas que domina num sentido diferente: na violenta tragedia interior de Simão, onde o acumulo de experiencia fechou

RODRIGUES DE MIRANDA

a ponta de sua sensibilidade ás hypocrisias do mundo. Quem folhear Galeão Coutinho deve ir prevenido de uma coisa — o sentido tragico da vida não nos convida ao desespero, nem ao fatalismo do «crê ou morre». Pelo contrario.

Entramos no seu livro como quem entra numa loja enorme, cuja variedade de artigos requer ao comprador uma calma e uma paciencia tão necessarias nesse momento como ele o foi na concepção dos dois romances que escreveu. Si «Memórias de Simão, o caolho» é o retrato de um cidadão na Paulicéa, com os maus humores, os habitos incríveis da vida caseira e os seus reflexos no comportamento social, «Vôvô Morungaba», o seu ultimo livro é um documento da vida exterior no borbório paulista. Onde um funcionario publico de paletot surrado e calças remendadas procura a taboa de salvação em expedientes deshonestos (no conceito social dos que o cercam) mas honestissimos na consciencia alvoroçada de um individuo que carrega nas costas o peso de oito filhos. As dissociações da personalidade saltam á nossa observação, e, cada passo que Barra Mansa procura dar na vida, os olhos curiosos dos que o conhecem entram pela

sua alma, deixando-o inerte e prostrado. Os credores avançam, pedindo, uns com geito, outros enfurecidos. E elle soffre, rindo, pensando que o seu compadre Matta-Sette dá sempre um geito em tudo. As rifas ainda salvam muita gente, como o unico meio de se ganhar qualquer coisa sem sacrificios. Um cartõesinho, rifando uma cabra que não existe. Depois... conversas com o delegado e advertencias. Outras rifas e outros chamados á Delegacia. Barra Mansa é um typo de romance cem por cento urbano. As picuinhas, as semvergonhices de Barra Mansa são justificaveis. Aquelle typo soffrendo mutações psicologicas a todo instante, tendo certeza do vacuo de sua vida, e ainda avançando mais para a frente, é um signal de que o Barra Mansa, antes de ser um sem vergonha consciante é, pelo contrario, um desencanto deante dos mesmos dias, das horas mediocres vividas no motu continuo da grande fauna humana que enche as ruas de São Paulo.

O seu refugio no passado é uma especie de Habeas-corpus impetrado em favor da pureza de sua personalidade. Os credores sufocantes misturados (é incrível) com a ansia de novas perspectivas, tudo isso faz lembrar mesmo uma vida que se desmorrone por prestações, um mundo que se fecha numa febril agitação de soluções prolongadas. Hans Falada, o curioso romancista de «E agora, seu moço?», abrindo parenthesis á meditação de um personagem, affirmava que «ser pobre já é ser suspeito». Barra Mansa era assim. Funcionario publico que só fazia assignar o ponto, mettendo-se logo depois na «carroça da vida e não levando nenhuma vantagem, pois o seu aspecto de homem perdido, mergulhado nas encrencas cada vez mais duras, tirava-lhe toda força de expressão humana. Agindo como se fosse mandado, vendo somente á sua frente uma multidão de seres com as mesmas preoccupações de conquistar um lugar ao sol, elle nunca sintonizava directamente com os destinos alheios, preocupado exclusivamente com as imprecações das vozes do lar.

A sua consciencia era uma especie de taboa raza. Tudo fugia para as trevas do sub-consciente e, quando surgia de repente algum facto á tona de sua consciencia era só para illudir, por momento, o prosaismo da sua vida. Caloteiro, medium de sessões espiritas, casacos de ferro, porteiro de cabaret, tudo elle foi. Agarrava-se ás pequeninas ofertas e lá se ia feito um desgraçado, á busca de uma sombra qualquer, como si fosse um vira-lata social, nesta hierarchia humoristica dos bichos humanos.

O criterio objectivo que orienta o Sr. Galeão Coutinho não compromette a sua capacidade de artista excepcional, pois o valor do artista está em saber collocar-se dentro dos factos sem perder de vista um mundo que está cheio de desvios e encruzilhadas. Este novo genero inaugurado por elle, si não foi especificado em «Memórias de Simão, o caolho», está definitivamente fixado em «Vôvô Morungaba». Os traços psicologicos de Barra Mansa differem totalmente de todos os personagens apresentados até hoje, no Brasil.

A satyra do romance brasileiro, manifestou-se em Graciliano Ramos, (principalmente em «Angústia») mas culminou em extensão e profundidade neste «Vôvô Morungaba» de Galeão Coutinho. Leiam o romance e vejam si o auctor é ou não um sujeito que despesou a pura intenção litteraria para despejar em nossa curiosidade a certeza simples e fecunda daquellas paginas ?!

Abelardo Romero

que dentro desse preceito o soneto de Avers não chega a ser nem o terceiro do mundo. De accordo com a definição, venceria aquelle soneto de Dante, aquelle que começa.

«Tanto gentile e tanto onesta pare»

E termina com um terceto que é uma maravilha de musicalidade

«E par che della sua labbia si muova

Uno spirto suave e pien d'amore

Che va dicendo all'anima: sospira.»

Pode vir alguém e dizer: Ah, mas isso é por causa da lingua, que é mais sonora. Está certo. Mas acontece que o portuguez tem o feiíssimo «ão» e nem por isso Anthero de Quental deixou de fazer seus suaves sonetos. Por isso não, também, que Elizabeth Barrett Browning escrevia em inglez e em inglez foi que ella fez os mais bellos sonetos da Inglaterra.

Por tudo isso é que ainda hoje acho que o soneto de Avers não é lá tão grande coisa. Na propria França ha sonetos mais formosos, mas que não foram divulgados entre nós. Em 1530 mais ou menos, já Ronsard escrevia magnificos sonetos, como La Mort D'Une Jeune Fille. E naquelle tempo o soneto ainda estava novo, sem os tremeliques que vieram seculos depois com Heredia e os Bilacs. Pois apesar de barbaro é mais belo o soneto de Ronsard. Apesar de falar na Parca, o que era moda na epoca, La Mort D'Une Jeune Fille termina com este terceto que um grande poeta não se envergonharia de assinar:

«Pour obsèques reçois mes larmes et mes pleurs,

Ce vase plein de lait, ce panier plain de fleurs,

Afin que, vif et mort, ton corp ne soit que roses.»

Malherbe também fez bons sonetos. E no Brasil, na Argentina e até na costa d'Africa houve bons sonetistas. Mas o soneto tem a sua constituição, o seu dogma, a sua lei de arroxo, e os homens de genio não gostam disso. Os mediocres, estes, sim, estes acham que a vida é impossivel sem uma boa lei de arroxo. Estes podem ser bons sonetistas. São a favor das leis do arroxo e são contra os instinctos do homem. Mas o diabo é que a poesia vem mais do instincto.

Felizmente o povo já está compreendendo. Todo mundo já sabe hoje que se vendeu muita rima em dicionario a certos rapazes que queriam brilhar nos jornaes e revistas da epoca com um soneto. Hoje, estou certo, não surgirá outro Avers, nem outro Martins Fontes. Um grande poeta poderá ainda fazer um soneto e este soneto poderá agradar a todas as pessoas de gosto, mas não pelo facto de ser um bom soneto, e sim pelo facto ainda mais importante de ser uma poesia.

LITERATURA AMAZONICA

LEDO IVO

Na aristocrática época dos romances de Machado de Assis e Coelho Neto, não se enquadrava absolutamente nos austeros círculos intelectuais a idéia da circulação de romances para as massas. Seria, por assim dizer, incrível. Avultava destacadamente a insondabilidade da introdução de termos não adequados ao burguesismo que então dominava os escritores. E, por isso, Coelho Neto e Machado de Assis se fizeram célebres com sua luxuosa literatura de salão. O próprio Castro Alves nos seus arroubos líricos é causa da abolição da escravatura, não encarava a sua poetica como um meio de imiscuir-se nas massas (e isso seria de todo impossível, pois em seus versos abolicionistas só o ambiente é proletário), mas como um ideal, um rumo a tomar em caminho da fama, um traço característico para sua vida e sua obra.

Quando surgiu o romance ao alcance de qualquer mentalidade, talvez se o tenha encarado como uma derrocada da nossa literatura. Pura ilusão. O romance popular, é, sem dúvida, uma das culminâncias da atual fase literária.

Tendendo para os ciclos, contribui para determinar motivos diversos e separar a multiplicidade dos romances. A literatura da casa de asucar não teve competidores. José Lins do Rego encontrando o assunto quase inexplorado, soube engrandecê-lo e dotá-lo de cores vivas. Jorge Amado, o mais baísta dos nossos romancistas, dramatizou em seus romances a cidade Santa da Baía, ora salientando as ansias negras pinceladas de misticismo, ora o martírio e inspirações dos Capitães de Areia, sem falar dos seus outros livros. E, fato sem precedência no Brasil, o romancista e poeta de *Mar-morto* (quem poderá negar que este livro seja um grande poema?), soube ampliar o semi-colonialismo da velha Baía num grande ciclo. Gradativamente, o Norte tem sido o ambiente da quasi totalidade dos romances atuais. Amândio Fontes pinta-nos o dramatismo das prostitutas de Sergipe, José Lins do Rego desenha em traços fortes os motivos que giram em torno da cana-de-asucar, Graciliano focaliza a seca, Abguar Bastos nos revela a Amazonia misteriosa e única, através o ciclo da castanha.

Quanto á Amazonia, é indubitavelmente o ambiente mais focado, encontrando-se porém varios romancistas em seus motivos, distribuidos indistintamente.

Os romances amazonicos se nos apresentam com uma variedade de faces. Ora, os romances da borracha, ora os dramas que giram-giram nas paisagens da Amazonia, com sua imensa selva verde e com seus aspectos tragicos, igualmente dignos de um Kipling. E, nivelando-se entre si pela igualdade de ambientação, constituem no mais das vezes, temas diferentes. Entre todos

os romancistas que tiveram na Amazonia o «exterior» de seus romances, destaca-se Abguar Bastos, que em seus expressivos romances constituiu o ciclo da castanha.

Notabilisa-se de modo bastante curioso a perfeita correlação entre todos os romances e estudos até então escritos sobre a imensidão amazonica, isto é, a *acimatação* natural ao meio.

* * *

Retratada pela poetica de Mario de Andrade, que pintou seu misticismo e seus costumes por meio de versos expressivos, a Amazonia não se fixou somente na alma fantasiosa do conhecido poeta. Cientistas estrangeiros têm vindo buscar em sua extensão fabulosa dados preciosíssimos. Agassiz estudou-lhe a geografia obscura; Bates, Martius, Von Spix e Hart esquadriharam-na em busca de novas pedras para o edificio monumental da Historia Natural. E mereceu a atenção de etnografos como Gruenberg e Wallace. Foi mais adeante. Muito mais. Schurz, Kosaku Oishi e Walcott estudaram as doenças que assolam seu territorio. E, recorrendo aos cientistas indigenas, Roquete Pinto rebuscou nos horizontes toldados da Amazonia, infinitos dados para a antropologia. Sem salientar os estudos brilhantes de Oliveira Viana e Couto de Magalhães, o proprio Euclides da Cunha nas paginas magistrais dos *SERTÕES* não conseguiu furtar-se á contingencia de nos dar alguns traços basicos sobre a planicie amazonica.

E, de forma alguma, a nossa literatura, na fase de vulgarização que ora atravessa, poderia esquivar-se ao campo de dramatizações que é o extremo-norte brasileiro.

E, se nos estudos científicos, a contribuição brasileira está muito abaixo da estrangeira, o mesmo não se observa na literatura amazonica. Talvez tenham sido as impressões de Euclides da Cunha em *A MARGEM DA HISTORIA* o primeiro estudo sobre a Amazonia. Depois, solavancados, surgiram as pesquisas dos estudiosos estrangeiros nacionaes.

O romance brasileiro focalizando a selva da exquísita terra, também rebuscou detalhadamente os assuntos amazonenses. O *INFERNO VERDE*, contos de Alberto Rangel, *OS DESERDADOS*, de Carlos de Vasconcelos, *O PARAOARA*, de Rodolfo Teófilo, *A AMAZONIA MISTERIOSA*, de Gastão Cruls, onde a imaginação do autor pinta o ambiente selvático do extremo-norte e, logo após, sua decepção na

AMAZONIA QUE EU VI, constituem os passos que primeiro deram os nossos romancistas nacionais, trazendo á baila motivos amazonicos. A *SELVA*, do escritor português Ferreira de Castro, é talvez o menos adoptado dos romances da Amazonia. Dentre os escritores da grande planicie, os maiores caracterisadores são Raimundo Moraes, em seus estudos e na grande obra que é *NO PAIZ DAS PEDRAS VERDES*, Peregrino Junior amasua bizarras focalizações e Abguar Bastos, o maior romancista da Amazonia.

AMAZONIA QUE NINGUEM SABE, sua grande estréia, foi como que profecia do seu talento invulgar e do poder de ficção que constituiu um dos seus traços, ou melhor, dos seus romances. *TERRA DE ICAMIABA* é o seu maior romance. *CERTOS CAMINHOS DO MUNDO* que não li, deve sem duvida obedecer ao mesmo rumo. *SAFRA*, seu ultimo livro é uma grande obra. De uma naturalidade e fidelidade edificantes não se filiando ao tragicismo dileitante de outros escritores, e despidido da terminologia irritante e belicosa de muitos focadores da terra verde, *SAFRA* é um livro franco e leal. Perfeitamente ambientado. Com todos os requisitos de um grande romance. As personagens, algumas interessantes, originaes. O ambiente soturno da grande planicie. As superstições que abundam ali, muitas vezes curiosas. E sobrepunhando a tudo isso, o estilo *amazonico* e popular.

Isso vem de provar que a imensa terra, misteriosa e selvática, foi e será uma renovadora dos nossos romances, sempre inexplorada, pois assim como abundam seus romancistas, também são fartos os seus motivos.

Longe de ruminar os estilos pomposos, a popularização da literatura amazonense é um marco definitivo em seus ciclos, obedecendo talvez ao rumo tomado por Abguar Bastos, que é, como já dissemos, o maior romancista da Terra Verde.

Roteiro

UM GRANDE

QUINZENARIO DE CULTURA

Propriedade da Editorial Roteiro Ltda.

Publica-se em 5 e 20 de cada mês

SÃO PAULO

CASA EXCELSIOR

DE

ADOLPHO BUCHMAN

Novidades em linhos e casemiras

Capas para homens e senhoras

Rua D. Jeronymo Thomé, 16
(Em frente ao Cinema Excelsior)

Telep. 6249

BAHIA

CLUB DE MERCADORIAS

Plano 2 de Julho

CARTA PATENTE N. 79

SORTEIOS DIARIOS

Sob a autorização e fiscalização do
Governo Federal
Decreto N. 12.475 de 23 de Maio de 1917

Rua São João, 18 — Tel. 5919 — BAHIA

LOJA FRANQUEZA

DE

ANTONIO BARUD

Especialidade em Sedas e artigos finos.
Linhos, Cambraia de Linho, Etamines,
Filós, Voiles, Meias, etc. etc.

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

PREÇOS MODICOS

Rua Dr. J. J. Seabra, 209 — BAHIA

ACONTECIMENTO NA LADEIRA

MARCOS PIMENTA

Um alpendre onde ha muito tempo houve uma trepadeira. Uma escadinha indigna de se chamar escada. Uma porta que não vê pintura ha que tempo, duas folhas de zinco reforçando o telhado para ajudar as telhas cansadissimas. Agóra digo que está anoitecendo. Ouviu? Anoitecendo. Em baixo a noite começou a ferver na cidade, sóbe de lá um chiado de gordura frita: é a cidade noturna. Também sóbe um mau hálito que talvez venha do mar ou de comandadores com azia. Paira sobre os edificios a côxa flácida de uma cartomante.

A ladeira vai se recolhendo á sua insignificância, da qual só despertará altas horas, quando os rapazes viérem do bilhar, e as moças da fabrica, subindo aos grupos, chegarem do serão. Depois ha de ser novamente o silêncio, velado por um guarda-municipal esguio que aceita sanduíches em dia de aniversário na ladeira, agradece com ar saudoso, abana o cassetete e vai indo; só haverá outra perturbação nessa quietude quando os porristas da ladeira começarem a cantar canções obscenas e desafiarem o mundo para brigar, porque o môro os empurra para baixo.

A ladeira vai murchando de contentamento, surgando numa mudês satisfeita o seio da noite próxima.

Não faltam grilos nos terrenos baldios e um vento para lavar o rosto das imundícies de cada dia. O silêncio é que é impressionante. Parece uma guêlra de peixe abrindo e fechando.

— Já viu guêlra sem ser de peixe?

— Ora, não seja desmancha prazer.

Agóra vejo um vulto. Não é um vulto: é uma professora de alemão. Suas pernas têm mais batata que outra coisa. Não obstante, ela é toda magra, tirando a batata das pernas e a barriga que--benza Deus—deve ter muita agua. Ainda não distingo o rosto dela, por isso só direi como é depois que chegar mais perto. Agóra só se vê o vulto, um vulto de preto e de pasta na mão descendo com um passo arrastado a ladeira como se esperasse a ladeira subir debaixo dos pés. Vem hesitante, ás vezes pára, parece que está pensando, mas é apenas dôr nos calos, depois recomêça a descida. Ela vai assim todas as manhãs e volta todas as noites. Lá na planície ensina alemão a diversas pessoas, depois volta sempre como hoje, quasi sem fazer ruido, entra em casa e fica ali sepultada até o dia seguinte. Isso que me contaram. E de fato ela entra na casa sombria, pela porta que fica meio-aberta vejo ela acender a luz, depois empurrar a porta, depois mais nada. Parece que ouço logo depois, barulho de pratos, mas é impressão. A professora alemã, com sua cara magra, seu nariz de pau, mergulhou na casa silenciosa.

(Estão chamando para jantar. Já vê que não me enganei ouvindo barulho de pratos. Com licença).

* * *

Na sala de jantar estão as luzes, as louças. A panela do feijão assobia na cosinha. Toda a sala, com a mesa posta, as cadeiras atentas, está paramentada, numa tensão ansiosa, esperando os que estão na rua e devem chegar do trabalho daqui a pouco. Todas as atividades são provisórias porque tudo espéra o jantar. A criança que levou um tombo passeia entre as cadeiras, preferindo os lugares difíceis. Sú-

bito inicia uma dansa astrolata em volta da mesa posta, o aparador treme, os cálices tilintam com o pêsso dos passos; a irmã se atira no mar Congoleum e sai nadando. A menina mais velha mostra o 1.º Caderno de Caligrafia Brasileira. A mesa brilhante de louças e côpos. Pela porta aberta a noite entra apezar das luzes. No telhado do visinho passa um gato branco, inconsciente e vago. A meninasinha parou sua dansa e olha o relógio: jantar! A menina maior balança os braços, o corpo parado, parece entender a música das ondas curtas, que vem em rajadas, como o vento. Lá fóra as sombras já esmagam as fôrmas de tudo o que vive. As pessoas chegam da rua com jornais, o embrulho de manteiga, roupa de brim, respirando forte.

* * *

O taboleiro de xadrês, preto — e — branco, preto — e — branco. O rádio diz:

« Bem unidos, façamos,
Nesta luta final » ...

Lentamente, como viêra, sua voz que vinha em rajadas como o vento se extingue, massacrada pelos talhêres que comêçam a tilintar.

A noite, o jantar e o taboleiro de xadrês.

* * *

— Que foi? Que foi?

— Que foi?

— Que foi?

O chofêr bateu na porta da casa da alemã e ela não respondeu, afinal ele arrombou a porta ela estava feito coisa que dormia, mas não havia meio de acordar porque estava morta.

O chofêr sai meio tonto de emoção. A rigida alemã não se levantará mais toda manhã cedinho, não virá mais pendurar uma toalha de pratos no alpendre. Assim dormindo, ela parece cada vez mais homem, principalmente pelo extraordinário nariz de cavalo que ela arranjou. E os cabêlos, que são o resto de uma plantação.

* * *

O chofêr foi contar o caso num café, cigarros ponta de cortiça, assucareiro higienico, bolinhos «Vencelau Braz» numa redoma:

— Ela me dava cama e comida.

E ria, um pouco amarelô.

Depois tomou o carro e veio do môro suburbano para o centro.

Roda o automovel em volta do mesmo largo, com as mesmas arvores, até parece que as pessoas são sempre as mesmas e as horas são sempre iguais. Não ha freguezes para esse taxi, ele rôda, rôda em volta do largo e atraz dele, e na frente dele rodam outros taxis, de varias cores, de varias marcas, rodam, rodam, rodam que o destino deles é rodar atraz de um freguês ha muito tempo desaparecido.

PANORAMA UNIVERSAL

O. FRÓES DA MOTTA

Todos os períodos que precederam a história universal contemporânea caracterizam-se principalmente por um desenrolar contínuo de discórdias iniciadoras de conflitos e guerras.

Desde as remotas eras, quando ainda vivia-se na mais obscura fase de conhecimentos que o espírito guerreiro tem prevalecido no homem acima de qualquer sentimento humanitário. Vivendo ainda nas cavernas prehistóricas e tendo por defesa as mais rudimentares armas que podia fornecer-lhe a natureza, o homem primitivo sentiu a necessidade da conquista como factor indispensável ao desenvolvimento dos meios economicos, e a luta de posse garantindo-lhe um padrão de vida menos trabalhos com a escravização das ordas adversárias, fazia nascer no instinto destes nossos remotos ancestrais a chama belicosa da guerra.

Mas o homem primitivo era a animalidade do físico agindo na plenitude dos instintos. Através de muitas gerações viveu oculto nele o germen da inteligência que fez nascer a solidariedade de classe e os primeiros impulsos para a socialização.

Rolaram-se os anos, os séculos, e as transições naturais da vida buscaram uma forma de progresso e de perfeição que, embora utópica em sua realização integral, não deixa de satisfazer parcialmente as aspirações humanas. Era, enfim o determinismo da natureza e da moral exercendo seu papel perfeccionista na evolução dos costumes.

O homem contemporâneo, oriundo do ser puramente biológico, é fruto das transições porque passou desde o estado de primata até o de ser social, e o consideramos superior porque suas tendências físicas, intelectuais e moraes desdobraram-se procurando conseguir dentro de um nível social mais elevado a melhor satisfação de suas necessidades. Esta marcha normal de adaptação do ser humano ao meio se

processa pelas normas do direito que regem a conduta do indivíduo, e que, em última análise é a sua própria socialização.

Mas a lei do progresso que dita a forma conciente de vida em sociedade ao invés de colaborar em prol dos benefícios que possam ser uteis, se faz portadora dos mesmos males que outrora caracterizaram os povos primeiros da espécie humana. As guerras tem se modificado apenas na forma, que varia de uma época para outra com os novos processos de técnica ou com o invento de novas aparelhagens. A história universal só nos mostra guerras como marcos das gerações que nos precederam, e ainda hoje, em pleno século XX, em que a ciência atinge o mais alto grau de perfeição, tudo deserta do pensamento empreendedor dos estudiosos para a mão dos exercitos, dos gabinetes e laboratórios para os campos de batalha como armas destruidoras, tal como vemos na guerra química, a mais terrível e mortífera. E estas guerras que em sua ação nefasta vem deixando na evolução da humanidade símbolos negros de catastrofes, deixarão também para nossos precursores os marcos sinistros desta época.

E este estado de coisas que poderemos chamar a negação da utilidade progressista, originou nas massas a descrença e o pessimismo, e o panorama universal é um manto negro de perspectivas funestas pesando sobre o mundo e enchendo-o de pavor.

As populações ao verem hoje uma última descoberta científica e tudo que a vertigem progressista que este século de apogeu faz figurar nas manchetes dos jornais, já não pensa que estas venham para lhes ser útil, para curar e evitar males. A desconfiança já está tão enraizada no coração dos povos, que estas «últimas palavras» são recebidas como futuras armas que irão servir para a depredação e a morte. Já não iludem mais estes fados de luz, que ao invés do caminho do bem

estar universal, iluminam a estrada sinuosa das guerras.

Até bem pouco era a Hespanha conflagrada numa luta de irmãos, tendo suas cidades de reliquias milenárias transformadas em ruínas, seus filhos mortos e esquecidos nas trincheiras sob os vãos vorazes dos corvos, seus hospitais superlotados de moribundos, e a miséria e a dôr pairando sob seu céu, como se uma inexorável maldição de extermínio pesasse sobre seus dias.

E depois, como num sonho dantesco vemos os milhares de mortos anônimos, de viúvas e orfãos sem lar e sem pão, vítimas silenciosas dum século em que a ciência culminou os pináculos da perfeição...

E qual será a conclusão de tudo isto? É que a sabedoria humana foi notável para as classes privilegiadas. Para estas, compostas de empresas armamentistas e generaes ociosos, as guerras são fontes inexgotáveis de dinheiro e de glórias. E enquanto eles contemplam friamente o desenrolar da chacina instalados comodamente em palácios suntuosos, cercados de esposas e filhos, no horror das trincheiras morrem esquecidos milhares de paes, de moços no alvor da idade, todos eles meros degraus para a fortuna de uns e para a glória de outros. E esta sabedoria que só nos trouxe misérias, que investe contra toda as leis da natureza a ponto de privar o homem do que lhe ha de mais caro, a liberdade de agir e pensar, a sabedoria que escraviza o homem pelo proprio homem, que implanta o racismo e o odio entre os povos, esta sabedoria terá que fenecer um dia para surgir no firmamento claro da justiça e da igualdade uma outra verdadeira para a satisfação dos ideaes sublimes da humanidade.

Que o século XX ao terminar os seus dias, como um cometa que foge para o além, deixe no firmamento este rasto de luz.

SEU EUCLIDES

CELSE TEIXEIRA

I

Não tem nada de comum com os outros homens. Seu Euclides come no chapéu-de-couro, bebe agua no chapéu-de-couro e faz dele traveseiro. Até de arma ele lhe serve. Defende-se dos cachorros, do sereno e da chuva. Disse-me que não vende por preço nenhum. É a sua riqueza e o que possui de melhor. Tem uma faca, um cotoco de faca pra cortar unhas, carne quando vai comer, tirar espinho do pé e fazer medo. Não tem sapato, nem chinelo, nem casa, nem cama, nem cobertor, nem amigos. Mas tem o chapéu-de-couro, que os outros homens não tem.

Seu Euclides dorme rente com a terra, numa porta caída dumã casa que estão construindo. Ha meses vendeu a carroça-de-mão que tinha pra carregar os carretos. Era um orgulho pra seu Euclides estar com a sua carroça. Mas um dia quiz ter dez mil reis (tambem pensou em pagar o imposto na prefeitura) e vendeu a carroça. Agora pega os carretos na cabeça. O que ganha gasta no mesmo dia nem que fique até meia-noite acordado. Reparte o ganho entre cachaca, carne e farinha. Não pede nada a ninguém.

— Você é casado Seu Euclides? — indaguei.

— Não senhor. Porem tive dois filhos numa mulher em Sergipe.

— Não tem saudades deles?

— Não senhor, não tenho saudades de nada...

II

Seu Euclides conhece toda gente pobre e doente que vive na cidade. É com quem conversa, quando está disposto. Com seu povo ele ainda fala: fala em sífilis, em morte, em mulher suja e cachaca. Mas não é homem pra muita conversa, não. Prefere estar bêbado, ou sentado na calçada pensando, olhando a vida, a vida que vai com as borboletas. As borboletas caem mais que ele, estão enfeitando, embelezando a natureza. E ele

está afeiando a natureza e ainda mais amesquinhando os homens porque é também humano e vive assim nessa vida. Mas que culpa tem Seu Euclides de ser assim, bebado sempre; jogado na rua como um tijolo de barro? Que culpa se os homens lhe olham com nojo e o Padre da freguesia não lhe dá conselhos? Ninguém de certa importancia se importa com Seu Euclides. Decem pra igreja, sobem da igreja e falam em amor...

III

Seu Euclides é feliz, eu já descobri. Um dia ele me disse que Erondina (é uma louca) passou, certa vez, lhe viu cosinhando e perguntou se ali era onde ele assava carne. Ele respondeu que era ali mesmo. E Erondina saindo triste e se torcendo lhe disse: — «pois eu não tenho onde fazer esse serviço»...

Por que Seu Euclides não é feliz? Erondina não tem lugar para assar carne. E Seu Euclides nunca pensou no que é a crise, nos preconceitos, não faz caso de dinheiro, nem sabe o que seja Europa. Se lhe falam que ha guerra, não calcula o seu efeito, as mortes, a orfandade, os mutilados, as lagrimas... Seu mundo é a cachaca, a comida e o seu chapéu-de-couro. Nem sabe que isso é Brasil. Acredita somente no destino.

IV

— Seu Euclides, e a morte?

— Não me importa a morte. Sei que vou morrer. A hora não me assusta, nem me interessa.

Por que Seu Euclides não é feliz, se ouviu indagar ao Chico Boquinha (é um cego que não tem guia, anda sozinho e mendiga sosinho) se gostava da vida e ele largou essa resposta emocionante: — «eu gosto da vida»? se vê o sol aquecendo tudo sem nunca fazer uma cara feia? se sente a beleza da vida na vida das formigas e no perfume das flores que ele pode cheirar? se tem a musica e o canto suave dos passaros? se assiste o vento balançando as arvores cheias de flores e derrubando as flores cheirosas e outras flores se multiplicarem e se tornar frutos, num movimento incompreensível pra ele?

Seu Euclides é feliz... A noite namora com o céu enfeitado de estrelas, o céu que não tem maguas...

CASA GUIMARÃES LTDA.

BAHIA

LOTERIAS

Rua Conselheiro Dantas N. 5

End. Telegraphico: MAGUIMA

Caixa Postal, 207

== SÃO SALVADOR --:-- BAHIA ==

Armazem Novo Planeta

— DE —

Valentim Rodriguez Lemos



Casa especialista em
artigos alimenticios



Praça do Tanque, 7
BAHIA



COFRES LUSO BRASILEIRO
OS MELHORES QUE SE FABRICAM NO NORTE DO PAÍS
Premiados com grande diploma de Honra

Fabricante: ADELINO SOUSA E SILVA

Rua Arestides Attico, 7 (Antiga do Gado)

End. Teleg.: « COFRELUSSO »

Telephone 5611

S. SALVADOR — BAHIA

SEMENTES de

hortaliças e flores
de bôa germinação
só se encontram
na

Rua Conselheiro
Saraiva N. 27

Bilhetes de Loteria
que dão sorte é na
mesma casa.

Dirijam-se a
Firmino M. Amaral
Caixa Postal 602
BAHIA

CASA BARKI

O maior sortimento de linhos e artigos para enxovaes

Casa especialista em tecidos e artigos finos para
modistas e chapeleiras.

BARKI & GANON

RUA CHILE N. 11

Endereço Telegraphico: — BARKI

TEL. 2728 BAHIA

MARINHO, SANTOS & CIA.

Com Secções especiaes de Fazendas, Modas e Confecções, Miudezas,
Calçados e Perfumarias, Drogas, Ferragens, Molhados e Vinhos

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Rua Conselheiro Franco Ns. 52, 54, 56 e 58

FEIRA DE SANT'ANNA — Estado da Bahia — Brasil

End. Teleg.: ADALMINIO -:- Telephone. 38

POSTO «TEXACO»

De gasolina, lubrificação, pulverização
e lavagem



-- Quer ser bem servido?

Vá ao Posto «TEXACO»
na Ladeira da Montanha.

TELEPH. 3733

Ferreira Moreira & C.

Vendas em grosso e a retalho

IMPORTADORES de Machados,
Foices, Estrovengas, Enxadetas,
Ferraduras, Ferragens, Oleos, Tintas,
Cimento, Arame farpado e liso,
Chapas galvanizadas,
Canalizações de Agua, Gaz, Artigos
Sanitarios, etc., etc.

Rua Lopes Cardoso, 43

End. Telegaphico: MORECARVAL

Caixa Postal, 363 — Telephone 3314

BAHIA — BRASIL

OLYMPIA PROGRESS

A Machina Portatil ideal
para Escritorio, Lar e Viagem

DISTRIBUIDORES:

Frutos G. Dias & Cia.

Rua Portugal, 28

BAHIA

«CANÇÃO DO BECO»

DIAS DA COSTA

Rumo Editora Limitada de S. Paulo

Capa de Santa Rosa

Contem 23 contos, destacados pelo
seu fundo social